

A ORGANIZAÇÃO DOS PEQUENOS AGRICULTORES DE SILVÂNIA, GO

estrutura e impactos sociais

PAC
7510
997
k. 2
7-2004.01069

A organização dos pequenos
1997 LV-2004.01069



29174-2

**Faça sua
Trápa**

DOCUMENTOS
Número 68

ISSN 0102-0021
Agosto, 1997

A ORGANIZAÇÃO DOS PEQUENOS AGRICULTORES DE SILVÂNIA, GO: origem, estrutura e impactos sociais

Suzana Sperry
Marie-Rose Mercoiret
Florent Ferraris

Planaltina, DF
1997

Copyright © Embrapa - 1997
Embrapa Cerrados. Documentos, 68

Exemplares desta publicação podem ser solicitados a:

Embrapa Cerrados

BR 020, km 18, Rodovia Brasília/Fortaleza

Caixa Postal 08223

CEP 73301-970 - Planaltina, DF

Telefone (061) 389-1171 - Fax. (061) 389-2953

Tiragem: 300 exemplares

Editor: Comitê de Publicações

Eduardo Delgado Assad (Presidente), Dauf Antunes Correa,
Daniel Pereira Guimarães, Leide Rovênia Maria de Andrade,
Euzébio Medrado da Silva, Carlos Roberto Spehar, Jorge César
dos Anjos Antonini e Nilda Maria da Cunha Sette (Secretária-
Executiva).

Coordenação editorial: Nilda Maria da Cunha Sette

Normalização bibliográfica: Maria Alice Bianchi

Revisão gramatical: Nilda Maria da Cunha Sette/ M^a Helena
Gonçalves Teixeira

Diagramação e arte final: Jaime Arbués e Jussara Flores

Fotografia: Welmiton Fábio Ribeiro

SPERRY, S.; MERCOIRET, M.R.; FERRARIS, F. **A organização dos pequenos agricultores de Silvéria, GO: origem, estrutura e impactos sociais.** Planaltina: Embrapa-CPAC, 1997. 86p. (EMBRAPA-CPAC. Documentos, 68).

1. Pequeno agricultor – Organização. I. Embrapa. Centro de Pesquisa Agropecuária dos Cerrados (Planaltina, DF). II. Título. III. Série.

CDD 307.72

2

| | |
|---|-----------|
|  | |
| Unidade: | AI - Sede |
| Valor aquisição: | |
| Data aquisição: | |
| N.º N. Fiscal/Fatura: | |
| Fornecedor: | |
| N.º OCS: | |
| Origem: | Darcas |
| N.º Registro: | 1068/04 |

SUMÁRIO

| | |
|--|----|
| RESUMO | 5 |
| ABSTRACT | 6 |
| 1. INTRODUÇÃO | 7 |
| 2. CONTEXTO ONDE FORAM INSTALADAS AS ASSOCIAÇÕES .. | 10 |
| 2.1 Os Cerrados, o Estado de Goiás e o município de Silvânia | 10 |
| 2.2 Os pequenos agricultores da região | 14 |
| 2.3 Os elementos sociopolíticos que antecederam à organização | 28 |
| 3. AS ASSOCIAÇÕES | 34 |
| 3.1 Organização e funcionamento | 34 |
| 3.2 Organização e funcionamento da Central das associações | 47 |
| 4. APOIO TÉCNICO AOS ASSOCIADOS | 49 |
| 4.1 Apoio das associações | 49 |
| 4.2 Apoio da Central | 52 |
| 4.3 Apoio das Empresas de Pesquisa e de Extensão Rural | 60 |
| 5. ELEMENTOS PARA AVALIAR OS EFEITOS SOCIAIS DO MOVIMENTO | 64 |
| 5.1 O que mudou? | 64 |
| 5.2 Facilidades alcançadas após a criação das associações | 68 |
| 5.3 Dificuldades e barreiras encontradas pelos agricultores | 72 |
| 5.4 O que os agricultores esperam do movimento | 79 |
| 6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS | 84 |
| 7. BIBLIOGRAFIA GERADA PELO ESTUDO | 84 |

RESUMO

O texto, fundamentado em pesquisas e observações realizadas por técnicos brasileiros e franceses, no âmbito do Projeto “Uso do enfoque de P/D para o desenvolvimento da pequena agricultura na região de Silvânia”, da Embrapa - Centro de Pesquisa Agropecuária dos Cerrados, tem o objetivo de mostrar uma visão geral sobre o contexto onde foram instaladas e funcionam as associações criadas no município de Silvânia, e de apresentar uma reflexão sobre os efeitos do tempo na conduta dos agricultores.

A situação das famílias que fazem parte desse movimento é relacionada com a das gerações que as antecederam, e narrada de maneira a evidenciar o discurso dos próprios agricultores, registrado no decorrer de quatro anos de estudos.

É apresentada a opinião dos autores sobre os fatores que podem haver levado os agricultores a adotar a atual forma de organização, e são descritas e comentadas as estratégias de organização das associações e as formas de apoio utilizadas pelas instituições que interferiram no movimento e que acompanharam esses agricultores.

Os autores concluem que o movimento tem funcionado como gerador de práticas espontâneas, onde é incessante o aprendizado de ações coletivas, no entanto, algumas associações e alguns indivíduos a elas filiados têm demonstrado maior facilidade para assimilar conhecimentos e para gerenciar ações, isolando os demais. Essas associações e esses indivíduos encontram-se melhor equipados

em fatores de produção, o que permite prever a possibilidade de entrarem em um processo de acumulação, que poderá excluir os demais, caso o movimento não tome providências para reverter a situação.

ABSTRACT

The use of R4D for small farm development in Silvânia (State of Goiás, Brazil) is a research project at the Cerrados Agricultural Research Center (Embrapa Cerrados). The perspectives of this work were to evidenciate where, when and how the Silvânia Small farmer associations work. From 19 - to 19- farmer speeches were registered and related to the previous generations reality. The survey carried out to a description of the farmer organizations/associations which also contemplated their own strategies and the support given by research and extension institutions. The farmer organization movement has been produced spontaneous practices to which some farmers have shown more capability of taking knowledge and managing actions. These farmers and their own associations can carry out to an accumulation process which can eliminate others farmers without conditions to follow the movement, options are necessary to revert the present reality.

A ORGANIZAÇÃO DOS PEQUENOS AGRICULTORES DE SILVÂNIA, GO: origem, estrutura e impactos sociais

Suzana Sperry¹; Marie-Rose Mercoiret²; Florent Ferraris³

1. INTRODUÇÃO

Os fenômenos sociais decorrentes da organização dos pequenos agricultores de Silvânia-GO vêm sendo observados, registrados e analisados desde a constituição de suas primeiras associações profissionais, por técnicos do Centro de Pesquisa Agropecuária dos Cerrados, da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa Cerrados) e do Centre de Coopération Internationale en Recherche Agronomique pour le Développement (CIRAD).

Os resultados dessas observações tornaram possível a sistematização de informações que pretendem favorecer o processo de reflexão sobre as vantagens (ou não), para a agricultura familiar, da adoção de formas coletivas de trabalho. Utilizando os depoimentos dos próprios agricultores, o documento descreve o cenário onde as associações foram inseridas e evoluíram, procurando mostrar o comportamento social e político do grupo antes e após a adoção da nova forma de organização. Na última parte, é analisada a opinião dos agricultores sobre as mudanças ocorridas (facilidades, dificuldades, barreiras e anseios) e apresentadas hipóteses sobre o futuro do movimento, baseadas no comportamento social que o grupo vem apresentando.

¹ Socióloga, M.Sc., Embrapa Cerrados.

² Socióloga, Ph.D., CIRAD-SAR, Laboratoire Communication et Organisation de Producteurs de l'Unité ISAAM, Montpellier, France

³ Sociólogo e Demógrafo Social, B.Sc., CSN CIRAD-SAR/MAE.

As associações dos pequenos produtores de Silvânia foram constituídas a partir de agrupamentos rurais existentes no município, conhecidos pelos agricultores como comunidades⁴, (espaços reconhecidos e identificados por todos, mas com limites dificilmente identificáveis para os estranhos ao local).

Algumas dessas comunidades originaram-se dos descendentes dos exploradores de ouro (que, segundo Borges 1981, teriam vindo de Minas Gerais e de São Paulo na segunda metade do Século XIX, e decidido estabelecer-se na região para dedicar-se à agricultura). Outras, formaram-se por famílias vindas de diversas regiões do país. Apesar de serem raros os casos, algumas comunidades abrigam elementos novos que decidiram adquirir frações de terra na vizinhança. Porém, a maior parte dos agricultores encontra-se na região há, pelo menos, duas gerações.

Os 540 agricultores que constituem as atuais 27 associações de Silvânia vivem em terras de sua propriedade, recebidas através de quatro gerações de herança, por divisões sucessivas entre núcleos familiares muito numerosos. Algumas famílias estão em situação de pré-herança, outras ampliaram a propriedade adquirindo pequenas frações, e outras necessitam arrendar terras para continuar vivendo e produzindo na região.

A Igreja Católica desempenhou um papel importante na estrutura dessas comunidades pois, ao unir parentes e vizinhos para rezar, discutir problemas comuns e comemorar festas religiosas, contribuiu para aproximar as famílias. As atividades de animação

⁴ A comunidade tem um espaço geográfico específico e limitado, onde os contatos sociais se desenvolvem por meio de relações de vizinhança, parentesco, e em alguns casos, de trabalho, como no caso das comunidades rurais. (TENÓRIO, 1995).

técnica desenvolvidas pelos “Clubes 4S”, da Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Estado de Goiás (EMATER-GO), durante os primeiros anos da década de 1980, reforçou a existência das comunidades, identificando-as como parceiras de suas ações.⁵

Na segunda metade dessa década, a EMATER-GO, junto com a Embrapa-CPAC, a Empresa Goiana de Pesquisa Agropecuária-EMGOPA e o CIRAD, deram início a um tipo de trabalho que contribuiu para fortalecer o grupo e, muito provavelmente, para predispor-lo a assumir a atual forma de organização. Esse trabalho foi desenvolvido através do Programa “Convivência com os Cerrados.”⁶

As numerosas reuniões organizadas pelos técnicos dessas Empresas, a identificação de líderes, e a construção de projetos coletivos para resolver problemas comuns, facilitaram a consolidação das relações de solidariedade. Ou seja, contribuíram para que os agricultores começassem a sentir necessidade de modernizar seu processo de produção e, conseqüentemente, para mostrar predisposição para se organizar coletivamente. O projeto político constituído por intelectuais de Silvânia e de Goiânia encontrou terreno fértil para se desenvolver diante dessa predisposição. A possibilidade de acesso ao crédito bancário, unida à disponibilidade

⁵ O Sistema de Extensão Rural, desde que foi implantado no Brasil, buscou atender não apenas o produtor rural, mas também sua família,. Dentro desse espírito, criou os Clubes 4 S (Saber + Sentir + Saúde + Servir), com a filosofia de educar os jovens através do aprender fazer, fazendo. Em 1968, existiam no país 1 700 clubes, que reuniam 67 000 jovens com idades entre 14 e 25 anos (EMBRATER 1981, p.2).

⁶ O termo “convivência”, adotado pelo Programa, utilizou uma proposta de ação concebida pela Empresa Brasileira de Assistência Técnica e Extensão Rural (EMBRATER 1981, p.2), para a região Semi-Árida do Nordeste, denominada “Convivência do Homem com a Seca”. O Programa nos Cerrados foi desenvolvido através de um projeto intitulado “Ação Integrada da Pesquisa e da Extensão Rural nos Cerrados Brasileiros”, instalado no início de 1986.

desencadeou a formação das primeiras associações dos agricultores e ao projeto político dos líderes, foi o fator que pequenos produtores rurais de Silvânia, e que levou o movimento a evoluir e a desenvolver-se, tanto ao no município, quanto no estado de Goiás.

2. CONTEXTO ONDE FORAM INSTALADAS AS ASSOCIAÇÕES

2.1 Os Cerrados, o Estado de Goiás e o município de Silvânia

Os Cerrados ocupam uma área de 2060 milhões de km² do território brasileiro, distribuídos nos estados de Goiás, Minas Gerais, Bahia, Maranhão, Piauí, Mato Grosso do Sul, Pará, Ceará e Distrito Federal, além das áreas satélite nos estados de Roraima, Amapá e São Paulo (Figura 1). A vegetação dominante é caracterizada por árvores de pequeno porte, retorcidas e distribuídas irregularmente. Em algumas regiões ocorre uma formação rasteira de gramíneas e ciperáceas, denominadas campo limpo e, em outras, uma vegetação arbórea e densa chamada cerradão. Ocorrem, ainda, outras formações como as veredas, os campos de murundus, os campos rupestres e as matas ciliares.

A precipitação anual varia de 900 a 1800 mm. A estação chuvosa concentra 80% da precipitação entre os meses de setembro e abril. Nesse período podem ocorrer intervalos de seca de uma a três semanas, os veranicos. A estação seca ocorre entre maio e agosto. A temperatura média anual situa-se entre 18 e 23°C.

Os solos dominantes são da classe latossolos e ocupam vastas chapadas de relevo plano e suave-ondulado. As limitações desses solos, quanto à fertilidade natural, foram contornadas pela tecnologia, hoje, suas características físicas são bastante favoráveis para a produção agrícola. Estima-se que 1,38 milhões de km² sejam terras aráveis, aproximadamente dois terços da região.



FIG. 1. Distribuição da região dos Cerrados no Brasil.

As atividades agrícolas na região começaram a desenvolver-se durante o século XIX, quando grandes proprietários se estabeleceram para dar início à prática de pecuária extensiva. Nos vales, junto às margens dos rios, instalaram-se os agricultores sem-terra, geralmente empregados dos grandes produtores, dando origem a uma agricultura de subsistência.

Na primeira metade do século XX, registrou-se o aumento das pequenas e médias propriedades causado, ou pela divisão de alguns latifúndios, ou pela migração de agricultores pobres vindos

de outros estados. A partir da década de 1960, com a melhoria de acesso à região e atraídos pelo baixo preço das terras, grandes produtores de soja do sul do País transferiram sua produção empresarial para os Cerrados.

Goiás, um dos estados que compõem a região Centro-Oeste, possui uma superfície de 340 000 km² e pode ser considerado importante zona de pós-fronteira agrícola. O município de Silvânia situa-se a uma distância de 200 km de Brasília, DF, e de 80 km de Goiânia, capital do Estado. Possui uma área de 3100 km², e uma população de 19 800 habitantes, dos quais, 68% no meio rural. Apresenta densidade demográfica de 5,47 habitantes por km². A temperatura média oscila em torno de 21°C. A precipitação média anual é superior a 1400 mm. O relevo é elevado, chegando a mil metros na Chapada das Covas (Figura 2).

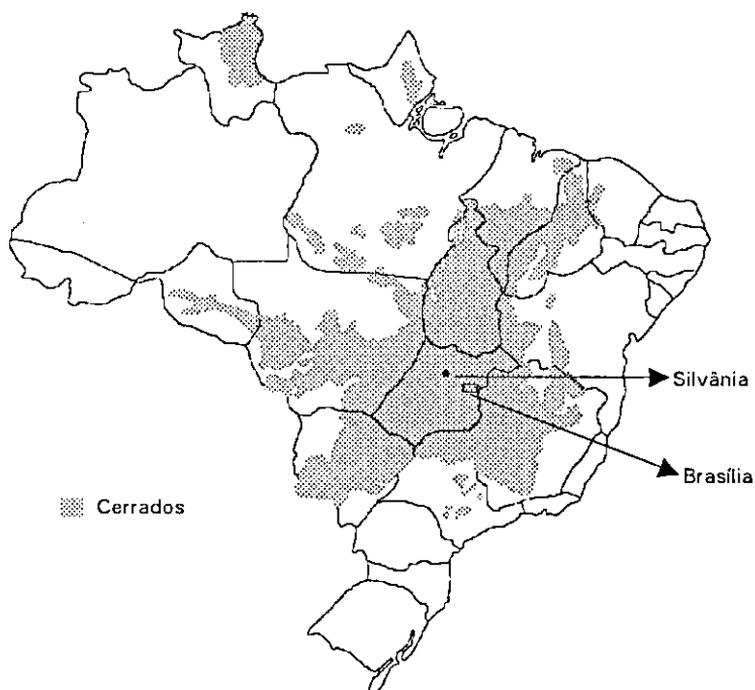


FIG. 2. Localização do município de Silvânia na região dos Cerrados.

O número de propriedades rurais do município que era de 1181 em 1970, passou para 2105, em 1985. A posse da terra está concentrada nas mãos dos grandes produtores, sendo que 48,3% da área é ocupada por explorações com mais de 500 ha, e 4,8%, por produtores com menos de 50 ha. Observa-se a diminuição das grandes propriedades dedicadas à pecuária extensiva. Atualmente, representam apenas 3% das explorações agrícolas.

Os pequenos e os médios produtores de Silvânia representam 70% das propriedades. Seus principais cultivos são: o arroz, para venda e consumo; o milho, para a alimentação de bovinos, aves e suínos, e outras culturas, como o feijão e a mandioca. Sua produção agropecuária mais importante é a criação do gado de leite, animais procedentes de cruzamentos entre raças indianas e européias, com baixa produtividade, 900 litros por lactação. Constituem uma categoria heterogênea, tanto pelo tamanho das propriedades e da criação, como pelo destino dado à produção (consumo e/ou mercado interno), ou pelo nível técnico e de estratégia econômica. Em geral, a mão-de-obra é familiar utilizando, eventualmente, mão-de-obra complementar (trabalho assalariado, troca de dias e ajuda coletiva). Estão integrados ao mercado, mas em condições desfavoráveis.

Segundo Borges (1981), a história do município começou por volta de 1770, quando foram descobertas importantes minas de ouro na região, pois a notícia atraiu grande número de indivíduos de diversas partes do Brasil. As explorações do minério continuaram durante quase cinquenta anos e foram interrompidas quando começou a faltar água e mão-de-obra escrava. Nessa ocasião, metade dos exploradores retirou-se e os que ficaram, decidiram ocupar-se de “coisas mais seguras”, como a lavoura, a pecuária e o comércio, que começava a formar-se. As profundas escavações, ainda hoje visíveis em diversos pontos da cidade, são um testemunho desse período.

A tradição religiosa da cidade começou quando os exploradores, vindos da Bahia, construíram uma capela para o “Senhor

do Bonfim”, onde colocaram uma imagem do Santo que haviam trazido consigo.

Por resolução do Conselho Administrativo da Província do Goiás, em 1833, quando essa Capela foi elevada à categoria de Paróquia, foi criada a Vila com o nome de Bonfim. Em 1857, após a proclamação da República, a Vila foi transformada em cidade, conservando o mesmo nome, mas em 1943, essa denominação foi alterada para Silvânia, em homenagem a Vicente Miguel Silva, responsável pela consolidação do município. O relatório da Câmara Municipal efetuado em 1848, conta que os habitantes, naquela época, eram lavradores e criadores de gado de raça apurada (vacum e cavalar), e que a cana-de-açúcar, o café, o fumo e os queijos eram os principais produtos vendidos.

Borges 1981, lembra que o município no passado foi agraciado com importantes prêmios no setor agropecuário, como os recebidos pelos tecidos de algodão, na Exposição Nacional de 1873 e nas Exposições Internacionais da Filadélfia e de Viena, em 1875; e nas Exposições Nacionais de 1875, 1908 e 1922, pelo fumo e por outros produtos.

2.2 Os pequenos agricultores da região

A história de vida das três mais antigas associações do município de Silvânia (SPERRY & FERRARIS 1993-1994), foi reconstruída com base nos depoimentos de aproximadamente cem agricultores associados e membros de suas famílias, constituindo o elemento básico para o estudo. Posteriormente, através de observações e da realização de outras pesquisas, essas informações foram enriquecidas e refinadas. A realidade descrita neste capítulo não abrange toda a população rural da região, mas restringe-se às famílias dos agricultores que optaram por agrupar-se nas associações.

As famílias

Os mais velhos possuem um vínculo muito forte com a terra, gostam do lugar onde vivem e consideram-se satisfeitos com a situação, principalmente quando fazem comparações com as gerações anteriores: *“temos menos terras do que nossos pais e avós, mas temos a sensação de ser mais felizes do que eles, porque podemos morar perto de nossas famílias, antes eles moravam longe de tudo e de todos”*. Não gostam de ir à cidade e demonstram algum receio de enfrentá-la, mas reconhecem a necessidade de sair para se comunicar, receber informações, vender seus produtos, adquirir mercadorias e ir ao Banco. Em geral, segunda-feira é o dia em que os homens vão à cidade. As mulheres saem com menos frequência, e raramente são acompanhadas pelos homens.

Contam que antigamente havia tempo para perder com visitas e passeios: *“há 40 anos, dava tempo para passear mas hoje, precisamos cuidar das vacas, cortar pasto para elas, cuidar da lavoura. No tempo do meu pai, era tranquilo, podíamos ir à cidade a cada quinze dias, perdíamos duas horas de carroça para chegar lá. Naquele tempo, a gente nem sabia das coisas e achava muito divertido ir a pé até a casa dos vizinhos. Agora, vamos para a cidade de carro, mas vamos sufocando!”* Quando estão falando sobre a tranquilidade de permanecer no campo e sobre o desconforto de ter de ir à cidade, os mais velhos dizem que o mesmo não ocorre aos jovens, pois agora eles tendem a ir para a cidade em busca de outras coisas, *“a gente moça só pensa em sair daqui”*.

Os moradores da maior parte das comunidades praticam a religião Católica. Reúnem-se ao menos uma vez por semana para rezar em conjunto e para comemorar festas religiosas. A mais importante é a “Festa dos Reis”, quando organizam o grupo de “folia”, levam a “Bandeira dos Reis”, cantam repentes, dançam catira⁷, fazem jantares, decoram as casas e, às vezes, arrecadam importâncias em dinheiro para ajudar as pessoas necessitadas da comunidade. Essa festa dura uma semana, e acontece uma noite em cada casa.

⁷ A catira, também conhecida como cateretê, costuma ser praticada nos estados de Goiás e de Minas Gerais, é uma dança rural cantada, praticada em fileiras opostas, muito influenciada pelos processos africanos de dançar (NOVO DICIONÁRIO AURÉLIO, p. 297-8).

Algumas comunidades comemoram também outras datas, como aniversários e casamentos. Um dos entrevistados fez a seguinte descrição dessas festas: *“são umas jantonas ou uns almoços grandes, com bastante arroz, feijão, galinha, carne de porco, refrigerante, pinga, cerveja, suco de frutas; fazemos forró, e jogamos bingo, pau-de-sebo ou truco . Jogam futebol e, ocasionalmente, organizam competições entre comunidades.*

Os membros das comunidades partilham determinadas formas de solidariedade, seja na forma de prestação de trabalho, seja para empréstimo de dinheiro ou para a realização de festas. As formas mais freqüentes de solidariedade no trabalho agrícola das comunidades são: a troca de dias (ou auxílio), na qual quem recebe apoio dos companheiros compromete-se a devolvê-lo; o mutirão simples⁸, onde todos ajudam a cumprir determinada tarefa, nesse caso, o trabalhador que recebe, oferece a alimentação (as esposas ajudam a preparar as refeições); o mutirão festa, semelhante ao tipo anterior, culmina com uma festa para comemorar o final do trabalho; e a traição, na qual todos aparecem de surpresa, para ajudar um dos companheiros a resolver um problema, doença, morte ou acidente sofrido por um dos membros da família, nesse caso, tudo o que for necessário para o trabalho é trazido pelos participantes.

Os homens, as mulheres e os jovens

Observam-se atitudes culturais muito marcantes entre os homens e as mulheres, e responsabilidades de trabalho bem definidas. A mulher tem a liberdade de fazer o que quiser, com a condição de que os afazeres tradicionalmente sob sua responsabilidade(casa e filhos) sejam cumpridos, *“ não é que a gente queira prender a mulher, mas se ela não cuidar da casa, quem cuidará? Não sou machista, não digo que ela não vá trabalhar na fábrica, contando que antes arrume as coisinhas daqui, pode ir enrolar lá fora!”*

⁸ Mutirão, auxílio gratuito que os agricultores prestam uns aos outros, reunindo-se para realizar o trabalho em proveito de um só, o beneficiado, que deve arcar com as despesas de alimentação do grupo. Esse trabalho pode ser a colheita, a queima, o roçado, o plantio, o taipamento ou a construção de uma casa. (NOVO DICIONÁRIO AURÉLIO, p.964).

Como essas atribuições ocupam as mulheres durante quase todo o dia, pouco tempo lhes sobra para o trabalho fora de casa. O peso cultural dessa tradição é muito forte e influi tanto na capacidade de reflexão dos homens, como na das próprias mulheres. Nem todas elas trabalham como agricultoras. Em algumas comunidades instalaram lavouras comunitárias femininas, e em outras, coordenam atividades junto a pequenas unidades artesanais que transformam produtos agrícolas. Têm o mesmo direito dos homens de associar-se, e de ter acesso ao crédito e de participar dos benefícios e das atividades promovidas pelas associações. Com receio de perder o poder tradicional sobre as mulheres, os homens costumam esforçar-se para salientar o aspecto importante dos encargos domésticos das mulheres.

Nas comunidades onde foram criadas as associações, a população jovem vem progressivamente diminuindo, não apenas pelo êxodo, mas pela redução do grupo familiar. Presume-se que a crescente pressão fundiária e o aumento da escolaridade tenham contribuído para que o controle da natalidade e sua aceitação pelas famílias tenha se tornado freqüente e natural. As mulheres com mais de 40 anos têm tido uma média de três filhos cada uma, ao passo que as de 47 a 51 anos tiveram sete, porém as da geração anterior, tiveram mais de doze filhos cada uma.

A maioria dos agricultores, mesmo havendo freqüentado o curso completo, oferecido pelos grupos escolares do meio rural, só estudou até o quarto ano primário, ao passo que seus filhos, com mais de dez anos de idade, já atingiram esse grau de escolaridade. A elevação do nível educacional dos jovens imprimiu nova característica nas comunidades e conta com o apoio e a compreensão dos pais, ainda que isso tenha refletido na diminuição da mão-de-obra para a exploração agrícola (Figura 3). O transporte, facilitado pelas associações, abriu oportunidade para todos freqüentarem as escolas da cidade, permitiu que continuassem residindo e trabalhando com a família, e fez com que alguns retomassem os estudos.



FIG. 3. Transporte facilitado pelas associações para levar os filhos dos agricultores à escola.

Ao contrário do verificado em outras regiões, nas comunidades do município de Silvânia não existe diferenciação entre moças e rapazes na percepção e na construção do futuro profissional.

Essa reação pode ser um reflexo da realidade do grupo, habituado à ação organizada e a congregar homens e mulheres nas atividades das associações. A situação tem levado as famílias a perceber e a desejar um futuro para os jovens, no qual esperam que as filhas e os filhos venham a desempenhar papéis lado a lado, com oportunidades semelhantes. Por essa razão, ainda que o casamento esteja muito presente nas previsões de futuro das moças, não é encarado como uma questão excludente, nem em termos de estudo, nem de profissão.

“Nossa idéia é buscar o mesmo objetivo dos homens e alcançar vantagens iguais às deles. A mulher que trabalha fora às vezes desanima, porque já carrega uma carga muito pesada (casa, filhos e marido), mas acaba descobrindo que valeu à pena. Como mulher rural, percebo que não é qualquer uma que tem coragem para fazer isso. Estamos participando de muitas coisas, e isso tem nos ajudado a crescer e a refletir. Nós estamos crescendo por dentro!”

Antigamente, as mulheres eram deixadas de lado, a própria Bíblia conta que, quando fizeram o recenseamento, contaram cinco mil homens, mas esqueceram de contar as mulheres! Mesmo assim, a gente sabe que por traz de cada um dos nossos homens, sempre existe uma mulher dando força. Nós buscamos espaço, nosso ideal é lutar pela igualdade. Dizem que o lugar da mulher é na cozinha, e isso até é verdade, porque Deus nos deu o dom para esse trabalho. Mas se a mulher tiver oportunidade, não deve perdê-la, pois tem o direito de buscar seu espaço fora da cozinha. Se o homem pode ir lá fora para construir o seu ideal, a mulher também deve poder.

Dizem que na África a mulher baixa a cabeça, e quem se enfeita é o homem. Nós aqui, queremos ficar de cabeça erguida ao lado do marido. Mas, mesmo assim, precisamos enfrentar uma barreira muito grande, que é a da jornada dupla. Para trabalhar na Associação, temos que fazer uma escolha: trabalhar de madrugada, deixar o trabalho da casa para outro dia, ou fazer tudo meio mal feito. Por outro lado, o homem tem as vacas, a cerca e a lavoura para cuidar, não podemos sobrecarregá-lo, pedindo que dê banho no nenê, ou lave os uniformes para os filhos irem para a escola.

“Não sou secretária nem presidente da Associação porque não fui treinada para isso. Mesmo na cidade, só há pouco tempo é que as mulheres começaram a se dar conta de que podem ser médicas e advogadas, como os homens. Na minha família diziam que o homem nasceu para sair de casa, mas que as mulheres, não. A vantagem da Associação para nós é essa, nos permite sair de casa! Só que eu, para sair de casa, ainda tenho que descobrir o que devo fazer. Se contratar outra mulher para trabalhar para mim, para que eu possa sair, poderei estar criando o mesmo problema para ela.”

(Pronunciamento de Maria de Lourdes da Silva Leão, filiada à Associação de Pequenos Produtores Rurais da região do Variado, feito durante o evento que reuniu duas das associações de Silvânia para tratar dos problemas das fábricas artesanais, em agosto de 1995).

Apesar de os agricultores quererem que os filhos continuem no campo, preferem que essa decisão seja assumida por eles

e que esteja vinculada a possibilidades de um trabalho rentável. Estão conscientes da falta de atrativos para lazer e recreação nas comunidades e preocupam-se que esse possa ser um dos motivos para afastá-los. Achem que “ficar aqui” é a situação ideal para quem “nasceu aqui”. Para os jovens, falar em vender as terras está fora de cogitação, pois a casa dos pais é a sua casa. Ainda que estejam morando fora, costumam voltar nos fins-de-semana para ajudar a família, ou para descansar (Sperry 1996).

Os hábitos e os costumes

Apesar das diferenças relacionadas com os maiores ou menores índices de “modernização” das famílias, as moradias dos agricultores assemelham-se umas às outras dentro de cada comunidade, ou entre as diferentes comunidades, conforme o grau de facilidades ou dificuldades enfrentado por elas (falta de água, solos mais pobres, falta de energia elétrica, distância da sede do município) (Figura 4).



FIG. 4. Monjolo (engenho tosco movido à água usado para pilar milho), em localidades de Silvânia onde existem vertentes.

Habitam em residências com dois ou três quartos, geralmente com tijolos aparentes, ou cobertas por uma camada de cimento sem pintura interna ou externa ou apenas pintadas de branco (Figura 5). As casas não possuem forro, deixando exposto internamente o telhado. Na sala, usam pequenos bancos individuais, para acomodar os visitantes homens em torno de uma mesa, e dois bancos coletivos, junto às paredes, para a família. Essa peça costuma ser desprovida de qualquer adereço. Eventualmente, colocam-se nas paredes a fotografia de membros da família, ou um calendário. Não usam tapetes, nem cortinas, às vezes põem uma toalha sobre a mesa.



FIG. 5. Moradia de um pequeno agricultor do município de Silvânia.

As mulheres são recebidas na cozinha, esta reúne um mobiliário semelhante ao da sala, possui um fogão de lenha, construído com tijolos, cobertos de cimento liso da cor vermelha. Em algumas casas, as galinhas circulam pela cozinha e, próximos ao fogão, dormem os cães e os gatos (Figura 6).



FIG. 6. Fogão à lenha utilizado pelos agricultores do município de Silvânia.

A alimentação da família é constituída basicamente, de feijão claro, carne de gado ou de galinha, arroz, farinha de mandioca, e alguns legumes cultivados na horta (quiabo, jiló, abóbora e mandioca). É costume oferecer aos visitantes café doce bem forte, acompanhado de biscoitos caseiros, (consideram indelicado recusar esse oferecimento). Possuem poucos utensílios na cozinha, geralmente durante as refeições usam apenas pratos fundos e colheres. A maior parte das residências dispõem de água corrente, canalizada diretamente da fonte.

Comparando essa descrição com a efetuada por Machado 1965, percebe-se grande semelhança entre os hábitos e os costumes dos atuais agricultores de Silvânia com os dos bandeirantes, o que confirma a origem de algumas dessas famílias.

No início da década de 1980, por influência da EMATER, foram instituídos nas comunidades alguns hábitos, como o uso do filtro para a água e a construção de sanitários e duchas junto às casas. Mais recentemente, a eletricidade trouxe algumas inovações para as famílias. Essas inovações foram agregadas ao conjunto, sem alterá-lo: refrigeradores, "freezer", televisores e antenas parabólicas, fornos elétricos, liquidificadores, batedeiras de bolo, chuveiros e ferros de passar roupa elétricos. No entanto, muitas famílias continuam utilizando alguns dos utensílios herdados de seus antepassados, como os ferros de passar roupa aquecidos com carvão em brasa, e as máquinas de costura manual (Figuras 7 e 8). O fogão a gás é utilizado apenas como complemento ao fogão tradicional. Encaram com naturalidade as inovações, apesar de manifestar desagrado: *"quando volto da lavoura desligo a televisão porque gosto de conversar com toda a família, os filhos ficam brabos, mas se eu não fizer isso nunca sobra tempo, e eu gosto de conversar com eles!"*

Os agricultores de Silvânia contam que: nas duas gerações antecedentes, as famílias possuíam mais terras e mão-de-obra, e havia mais fartura; em compensação, agora as coisas são mais fáceis. Isso justifica a esperança manifestada pela maioria, de conservar os filhos junto a si, mesmo possuindo menos terras.

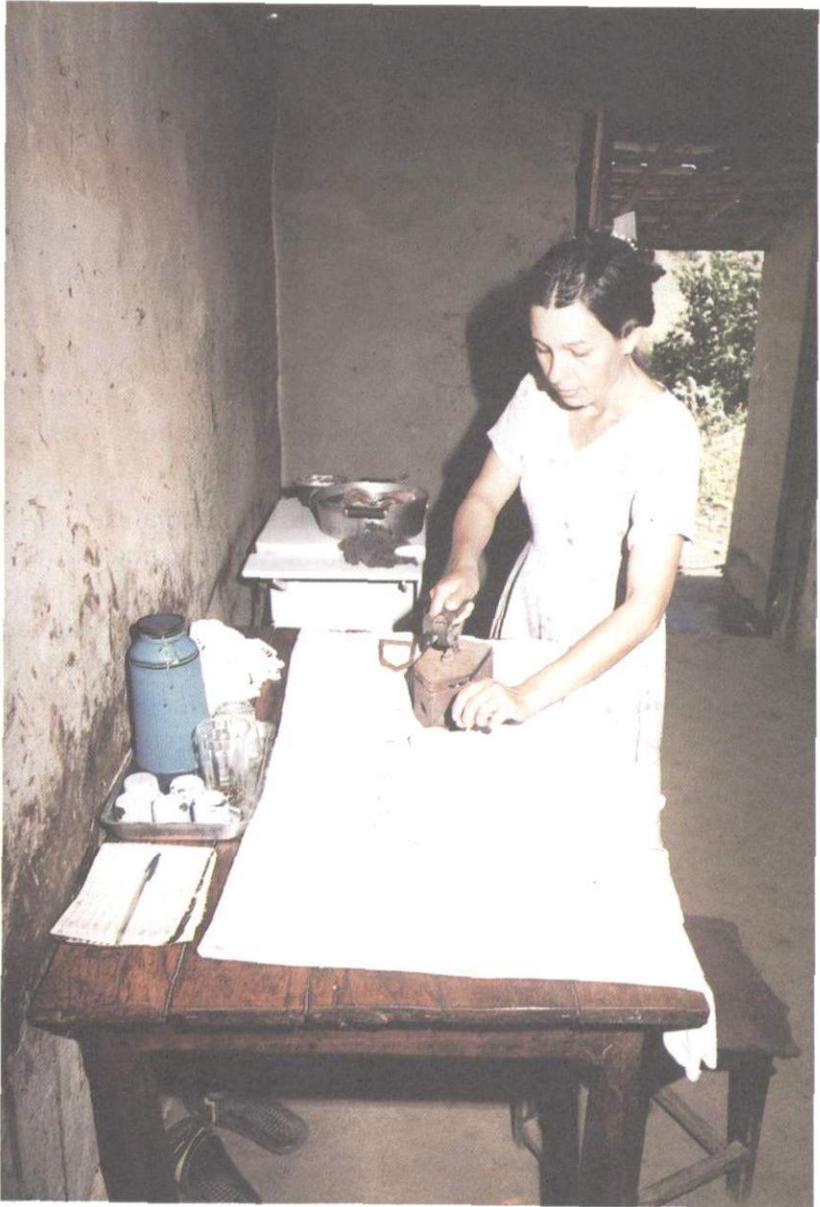


FIG. 7. Esposa de agricultor passando roupas com um ferro de engomar aquecido com carvão em brasa.



FIG. 8. Agricultora utilizando uma máquina de costura manual.

Sistema fundiário e modernização da agricultura

Os agricultores de Silvânia contam que: nas duas gerações antecedentes, as famílias possuíam mais terras e mão-de-obra, e havia mais fartura; em compensação, agora as coisas são mais fáceis. Isso justifica a esperança manifestada pela maioria, de conservar os filhos junto a si, mesmo possuindo menos terras. A maioria não pretende fazer novas aquisições, pois, existem poucas terras à venda, e as que possuem são suficientes para o sustento da família e para abrigar a sua força de trabalho, já que agora podem explorá-las melhor, graças ao apoio tecnológico disponível.

Poucos dentre os agricultores ligados às associações realizaram compra ou venda de terras. Atualmente, enquadram-se em três situações: exploram as terras como proprietários, como arrendatários, ou em regime de pré-herança. Um dos entrevistados prestou um depoimento que ilustra a realidade de muitos desses agricultores: *“quando meu avô veio de Minas Gerais comprou muita terra aqui e dividiu-a entre dez filhos; depois meu pai, dividiu-as novamente entre meus doze irmãos; agora, nem sei como dividir a que tenho, porque sobraria poucos alqueires para*

cada um dos filhos!” Contaram que no tempo de seus predecessores havia maior quantidade de terras, estas eram melhores, não precisavam comprar adubo, e havia muita mão-de-obra porque os filhos ficavam em casa e eram muitos, mas agora “o retorno é maior porque temos muitas facilidades que nossos pais e avós não tinham.” Dizem que antes havia muita fartura: “meu pai plantava fumo (tinha 3000 pés) e feijão, nem precisava ir à cidade porque os compradores vinham buscar os produtos; o paiol estava sempre cheio de grãos; o chiqueiro cheio de porcos; não se comprava açúcar; vendiam carroçadas de banana na cidade”. Falando sobre os primeiros sinais de evolução na agricultura, um deles relatou que o primeiro trator surgiu na região no início da década de 1960, disse que convenceu o pai a comprar um e conseguiram, naquele ano, colher 300 sacos de arroz em dois alqueires de terra. Segundo um dos entrevistados, “a diferença entre antigamente e agora vem desde o jeito como fazem o serviço. Antes, os agricultores plantavam por tradição agora, os técnicos ajudam!. No tempo dos pais era uma coisa, agora é outra, precisamos ser orientados para poder acompanhar a evolução.”

Entre os seus projetos de vida, os agricultores incluem o aumento da produção, ampliação e melhoria na estrutura da fazenda, tirar leite com mais higiene e mais conforto; melhorar o gado, as pastagens e a casa, e aumentar a produção de leite. Mas, declaram que têm medo de produzir e não conseguir vender.

“Meu avô veio de Minas Gerais, era criador de gado, comprou muita terra e dividiu-a entre dez filhos. Meu pai dividiu o que recebeu entre seus treze filhos, tenho oito filhos, menos terras do que meu pai e meu avô, mas a sensação de ser mais feliz porque, apesar de não ser tão rico, vivo mais próximo dos outros. Hoje, não temos fartura, mas aqui não existe miséria. Sei que sou líder, porque há dez anos fui eleito durante os programas da EMATER. Quando as idéias aparecem, todos se ajudam para completá-las, para isso precisam de um líder no qual possam sentir confiança com liberdade. Quanto mais o grupo se dá conta de que tem necessidades, mais planos faz, mais apoio recebe, mais confiança tem uns nos outros, e mais evolução acontece. A EMATER recomendava coisas e a gente ficava duvidando, achava que não ia dar certo mas, como líder, eu fazia para dar exemplo. Foi bom ter tentado, porque hoje todos usam as recomendações, nem se pensa mais em construir uma casa que não tenha banheiro, ou em não usar o filtro para a água.”

Parece que a idéia da associação já estava dentro de mim. Só que eu pensava de uma maneira diferente, imaginava uma organização do tipo familiar, na qual eu e meus filhos pudessemos nos unir para comprar máquinas, plantar juntos, transportar e vender os produtos, sem envolver outras pessoas. Mas, de qualquer modo, o meu sonho se realizou e se transformou em uma coisa muito melhor do que eu esperava. A associação hoje está nos dando muita felicidade. A idéia apareceu quando começamos a precisar de um trator. Um dos meus filhos, que trabalhava em Bela Vista onde já havia uma associação, trouxe a sugestão. Fomos ajudados pelo Euter e pelo pessoal da EMATER. Eu e minha mulher somos sócios fundadores da Associação da região do Variado. Participamos do "Clube 4S" e do "Grupo de Mães". No início da década de 80, participamos de outros projetos organizados pela EMATER (milho, olericultura, fruticultura, nutrição, avicultura e saúde). Nessa época, fabricávamos rapadura, pinga, polvilho e tecidos. Agora, a Embrapa começou um acompanhamento diferente que eu estou gostando, acho que está dando resultado, os técnicos precisam ser mais enérgicos em cima dos produtores, porque às vezes a gente entende tão pouco das coisas, que até tem vergonha de falar. Acho muito importante estar sempre recebendo informações novas, porque acredito na transformação que o tempo pode fazer com a informação. Hoje, uma idéia pode parecer boa, mas amanhã ela poderá ficar muito melhor. Isso de a Associação haver ligado os membros de uma mesma família foi muito bom, porque assim podemos contar com mais humildade e solidariedade.

Nossos filhos continuam conosco, mesmo os que estudam e moram na cidade vêm trabalhar na nossa terra. Gostam muito daqui, e sempre que podem voltar, não querem ficar na cidade. Alguns vendem serviço em outras fazendas. Tenho a certeza de que meus filhos serão mais felizes do que eu, da mesma forma que eu consegui ser mais feliz do que meu pai e meu avô. Aqui não existe machismo, a mulher dá opinião e trabalha parelho com o homem. Na última colheita, foram para a lavoura com os homens. São sócias da associação, se inventassem de usar o trator, teriam direito. Às vezes os homens ficam muito sossegados, as mulheres costumam ser mais rápidas, então é bom que elas dêem palpite, e atropellem um pouco os homens. Não pretendo nunca sair do campo, mas gostaria de ter uma casa na cidade, seria um bom investimento e nos daria conforto

quando fôssemos lá. Compramos a primeira televisão em 1973, quando ainda não havia luz, funcionava a bateria. Ela traz muita novidade, mas atrapalha, é por isso que nossos filhos pararam de ler, porém em nossa comunidade não tem nenhum analfabeto. Tenho 67 hectares de terra, nossa casa tem 88 metros quadrados de área. Temos 43 vacas, 12 porcos e umas 80 galinhas. Vendo 27 525 litros de leite por ano para a cooperativa.”
(Depoimento prestado em 11 de julho de 1993, por João Batista da Silva, um dos agricultores filiados à Associação do Variado. Tem 60 anos e é pai de oito filhos, dos quais sete fazem parte da mesma Associação).

2.3 Os elementos sociopolíticos que antecederam à organização

A organização da força de trabalho da agricultura familiar é uma condição *sine qua non* para o seu desenvolvimento, no entanto, o fenômeno apenas foi desencadeado no município de Silvânia quando ocorreu a conjugação de determinados fatores traduzidos pela predisposição dos agricultores para começar a atuar de forma coletiva.

Predisposição dos agricultores

Ainda que os agricultores estejam de acordo sobre a questão de que em suas comunidades não existe miséria, e que se sentem felizes vivendo no campo, estão conscientes dos efeitos e das barreiras que no passado impediram o seu desenvolvimento. O rádio e a televisão parecem haver ajudado a situá-los no contexto. A comparação com outras situações, facilitou a diversificação de aspirações, tanto para atividades, como para melhorar ganhos e condições de vida.

O reduzido índice de analfabetismo, e a conseqüente elevação da taxa de escolaridade, favoreceram a abertura para o exterior. A maioria dos agricultores apresenta projetos de vida

semelhantes: pretende continuar desempenhando o papel de pequenos produtores na mesma comunidade onde nasceram; melhorar suas condições de vida e de trabalho, melhorar e aumentar a produção agropecuária para poder comercializar seus produtos em melhores condições.

Esse conjunto de conhecimentos facilitou a percepção sobre o fato de que apenas poderiam melhorar e aumentar a produção, se modernizassem seu processo de produção, mas que isso apenas seria alcançado se tivessem acesso aos financiamentos bancários. Essa realidade, levou-os naturalmente a reconhecer que a organização coletiva seria a única forma de adquirir os financiamentos para se equiparem, produzirem mais e melhor, comercializarem seus produtos.

Projeto político

O desenvolvimento rápido do número de associações no município de Silvânia não foi resultado de uma iniciativa espontânea dos agricultores, mas foi motivado pela existência de um projeto político constituído fora das comunidades dos agricultores por intelectuais de Silvânia e de Goiânia. O discurso desses líderes mostra sua força de argumentação e a linha de pensamento que motivou os agricultores. Como exemplo, podem ser citados trechos das declarações do ex-Secretário de Planejamento do estado de Goiás, Durval Mota e do ex-Secretário da Agricultura do município de Silvânia, Euter Paniago Junior.

Esse projeto político foi construído em escalas diferentes, mas convergentes. No âmbito do Estado, através da criação do Centro de Apoio aos Mini e Pequenos Produtores Rurais e suas Organizações - CAMPPPO, presidido por Durval Mota, que estimulou a luta das primeiras associações para o acesso ao Fundo Constitucional do Centro-Oeste (FCO). E, no âmbito do município, através da criação das associações e depois, de um órgão local que as coordenasse - a central das associações.

No município, o movimento associativo foi incentivado por Euter Paniago Junior, Técnico da EMATER-GO e ex-Secretário da Agricultura de Silvânia, que desempenhou importante papel na criação das associações, e continua acompanhando, estimulando e reforçando o movimento associativo na região.

“Sempre acreditamos que as mudanças necessárias ao bem-estar dos brasileiros passam pela importância econômica da pequena propriedade, abrindo aos agricultores de menores posses perspectivas concretas de contribuir para a melhoria de sua qualidade de vida. Temos de buscar, através do sistema associativo, a reversão do processo de estagnação, pobreza e marginalização dos pequenos produtores rurais. O processo tecnológico que beneficia as propriedades de médio e grande portes têm de chegar ao mini e ao pequeno produtor.

Os pequenos produtores, mesmo participando com maior produção de alimentos básicos, continuam desvinculados do mercado, por falta de competitividade. A pequena propriedade não vem conseguindo apropriar-se satisfatoriamente da renda gerada pela produção comercializada. O esgotamento e degradação do solo, a redução da produtividade, a falta de capacitação profissional e empresarial, e a perda da propriedade, acabam alimentando o êxodo de milhares de agricultores para os centros urbanos a procura de trabalho.

A forma de organização associativa, a qual sempre acreditamos, une e soma forças de trabalho, dando margem à incorporação de tecnologias que aumentam a produtividade, diminuindo os custos de produção. Tivemos e temos sempre, o cuidado na orientação do CAMPPPO, a fim de que exista uma parceria entre os agentes oficiais e os produtores para a organização da cadeia produtiva. Daí a participação de nossa entidade nos desdobramentos que o FCO vai liberar neste ano (mais de 1,6 trilhão de cruzeiros), com os quais serão beneficiadas as associações de mini e pequenos produtores.

É importante assinalar que são os próprios associados que discutem seus problemas e reivindicações, e que encaminham os seus projetos. Prevalecem, assim, as ações voltadas

para o interesse coletivo, evitando-se o paralelismo e a superposição de iniciativas, bem como sua ineficácia e conseqüente ineficiência de resultados. Esse trabalho sério, com grande conteúdo democrático e de distribuição de renda, há de assegurar notáveis ganhos em produtividade. Esperamos, com otimismo e determinação, alimentar muitas iniciativas de progressiva disseminação, para que um número crescente de associações e centrais sejam criados pelos pequenos produtores.

(Declarações do ex-Secretário de Planejamento do Estado de Goiás, publicadas no editorial do primeiro número do "Jornal CAMPPPO", em abril de 1993).

... a organização dos pequenos produtores é o meio para resistir ao processo histórico que tende a eliminar a pequena produção em detrimento da média e da grande produção, esse processo é viável no município de Silvânia, onde os pequenos produtores estão sendo obrigados a transformar-se em empregados dos grandes agricultores da região e até, a vender suas terras e ir para a cidade. Será graças a seu poder de mobilização que poderão alcançar o que lhes é de direito."

(Declarações do ex-Secretário de Agricultura do município de Silvânia, Euter Paniago Junior, publicadas no Jornal CAMPPPO, de maio de 1993).

Apoio técnico dos órgãos do Governo

Sem dúvida, a ação desenvolvida pelos órgãos do Governo junto aos agricultores, durante o exercício do Programa "Convivência com os Cerrados", reforçou a aproximação entre os membros das comunidades e funcionou como base para o movimento associativo de Silvânia. O Programa enfocava a propriedade agropecuária como um todo e apoiava-se tanto nas práticas geradas pelos próprios agricultores, como nas produzidas pela pesquisa. Suas atividades uniam a tecnologia agropecuária ao gerenciamento das fazendas, ao associativismo e ao crédito rural.

Em 1986, foi instalado o Projeto "Ação Integrada da Pesquisa e da Extensão Rural nos Cerrados Brasileiros", para ser desenvolvido em cooperação entre a Embrapa Cerrados, a EMATER-GO e a EMGOPA, com duração inicial de quatro anos (1987-1990). O Centre

de Coopération Internationale en Recherche Agronomique pour le Développement - CIRAD foi convidado a participar da equipe, considerando-se a sua experiência no Programa "Convivência com a Seca" (concebido pela EMBRATER e desenvolvido junto   Embrapa Semi- rido).

Os  rg os externos de apoio antecederam   constitui o das associa es, apoiaram o movimento e continuam acompanhando e prestando apoio técnico às a es dos agricultores e suas organiza es de diversas formas: apoio na cria o das associa es; na elabora o de projetos para a demanda de financiamentos; na organiza o de reuniões para o debate dos resultados das fazendas-de-refer ncia⁹; no oferecimento de orienta es técnicas, em cursos e treinamentos.

Através dessas a es, o Projeto Silvânia, coordenado pelo Embrapa Cerrados colaborou para transformar as aspira es dos agricultores em projetos operacionais e a construir seu processo de mudança técnica e econômica.

"O Projeto Silvânia foi iniciado em 1987 e   conduzido por institui es de pesquisa e de extensão rural. Trabalha em parceria com organiza es de produtores para elaborar um método de interven o no meio rural. Essa estratégia de interven o   elaborada dentro da concep o de que o processo de busca de solu es deve iniciar-se nas unidades de produ o, valorizando, ao mesmo tempo a experiência de produtores e os avanços da pesquisa. Pode ser definido como a experimenta o técnica e social em escala real.

As grandes questões que norteiam e d o continuidade ao Projeto Silvânia são: os pequenos e médios produtores rurais não estão participando do desenvolvimento rural; existe um imobilismo técnico e uma passividade dos pequenos e médios

⁹ A fazenda-de-referência   utilizada como um dispositivo de Pesquisa e Desenvolvimento. Articula-se em torno de uma rede de fazendas-de-referência, e   selecionada para representar as primeiras situa es edáficas e socioecon micas de produ o de um município. (Bonnal, 1994, p.8).

produtores frente ao acervo de novas tecnologias; é baixa a capacidade para formulação de demandas por parte dos pequenos e dos médios produtores; as estratégias de intervenção no meio rural, visando à modernização e ao desenvolvimento dos pequenos produtores, são inadequadas. (Declarações do Pesquisador José Luiz Fernandes Zoby, líder do Projeto Silvânia, publicadas em documento distribuído durante o I Seminário do Programa Nacional de Pesquisa sobre a Agricultura Familiar da Embrapa, realizado em Pedrolina-PE, de 28 a 30 de novembro de 1995).

Fundo Constitucional de Financiamento do Centro-Oeste

A existência do Fundo Constitucional de Financiamento do Centro-Oeste (FCO) foi o quarto fator favorável para o nascimento das associações. Permitiu que as idéias, talvez ainda teóricas e gerais do projeto político e do projeto técnico-econômico convergissem e concretizassem as aspirações dos agricultores. O crédito do FCO funcionou como desencadeador da dinâmica de organização das associações e, ao mesmo tempo, uniu o grupo e estimulou seu processo de organização através da necessidade de lutar para conseguir financiamento em melhores condições.

O FCO é mantido com recursos da União, originados diretamente do Tesouro Nacional, com juros mais baixos do que as taxas de crédito rural do mercado, e é repassado pelo Banco do Brasil. Entrou em vigor a partir da Constituição de 1988, visando a alocar recursos financeiros em setores primários, para reduzir desigualdades regionais e acelerar o processo de desenvolvimento. Durante o primeiro ano de operação, apenas grandes e médios produtores foram atendidos por esses recursos.

Esse financiamento faz parte do Programa de Desenvolvimento Rural, e tem como objetivo financiar, mediante a abertura de crédito fixo, benfeitorias, acessões e reformas; culturas de longa duração; aquisição de animais, máquinas, veículos; inversões e refinamento de cooperativas. Tem ainda como prioridade,

empreendimentos dos mini, pequenos e médios produtores rurais e de suas cooperativas, quando voltados à produção de alimentos básicos e hortifrutigranjeiros, à criação de pequenos animais, e à produção de leite, visando ao aumento da produtividade.

São consideradas prioridades desse Programa os empreendimentos destinados à implementação de projetos de irrigação; os que adotarem sistemas intensivos e diversificados de produção, e os destinados à implantação de infra-estruturas de armazenagem e energia elétrica. As associações têm acesso ao FCO, segundo as seguintes condições: é exigida garantia em terras, que deve ser apresentada pela própria associação, (em geral, o sócio maior proprietário oferece suas terras como garantia, em nome de todos os outros). É uma forma de empréstimo a ser quitado em seis anos, através de parcelas anuais, com aumentos progressivos, (4% do empréstimo deve ser pago no primeiro ano; 16%, nos próximos dois anos; 21%, no quarto e quinto anos; e 22%, no último ano).

O primeiro crédito financiado pelo FCO para os pequenos produtores de Silvânia ocorreu em 1990, quando foram beneficiadas as mais antigas associações (Limeira, Kilombo e Variado). Ainda que apenas três associações tenham sido efetivamente beneficiadas, o exemplo foi mobilizador para os agricultores de outras comunidades. Em 1992, a luta conduzida por grande número de associações do Estado continuou, desta vez, procurando melhores condições para negociar a dívida. Nesse ano, mais treze associações de Silvânia receberam financiamentos, mas em 1993, apenas três foram beneficiadas.

3. AS ASSOCIAÇÕES

3.1 Organização e funcionamento

A necessidade de lutar por recursos e unir forças em torno de um objetivo comum fez com que surgissem as primeiras

associações de mini e pequenos produtores rurais no estado de Goiás. Em 1990, já havia 27 associações no Estado, sendo quatro delas em Silvânia (João de Deus, Variado, Limeira e Kilombo). Entre 1991 e 1992, mais oito associações foram criadas em Silvânia: Entorno (que agrupa os agricultores que habitam no espaço de 10 km em volta do município), Água Branca, Bom Jardim, Barrinha, Madeira, Mocambo, Lages e Santa Rita. Em 1993 foram oficializadas outras associações, perfazendo um total de 25 no município de Silvânia: Olaria, Olho d'Água, Rio dos Bois, Engenho Velho, Alegria, Boa Vista dos Macacos, Rio Vermelho, Vale do Piracanjuba, Aliança, Posse, Piracanjuba, Rio dos Patos e Gengibre (Figura 9). Em 1997, a Associação de São Sebastião foi desfeita, e foram criadas e agregadas à Central mais duas associações: a do INCRA, a de Ponte Alta e a de Vale do Kilombo.

1. Entorno
2. Rio Vermelho
3. Olho D'Água
4. Variado
5. Posse
6. Engenho Velho
7. Alegria
8. Rio dos Bois
9. Olaria
10. Limeira
11. Bom Jardim
12. Barrinha
13. Piracanjuba
14. Vale do Piracanjuba
15. Aliança
16. Mocambo
17. Madeira
18. Rio dos Patos
19. Água Branca
20. Lages
21. Boa Vista dos Macacos
22. João de Deus Cabeceira
23. Santa Rita
24. Gengibre Cabeça
25. Kilombo

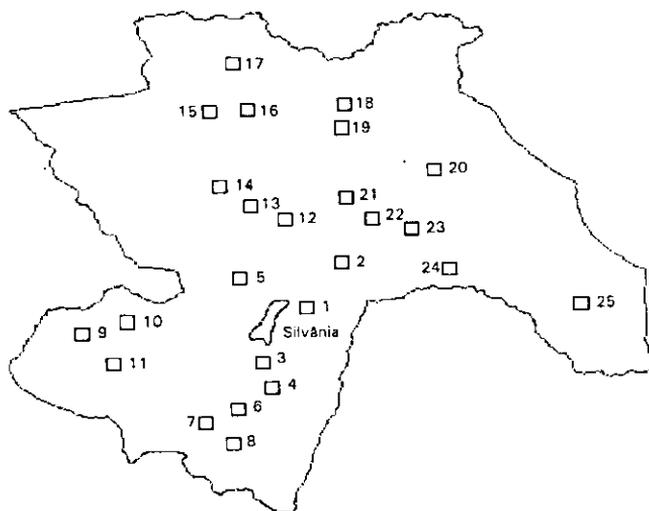


FIG. 9. Distribuição das associações de pequenos produtores rurais no município de Silvânia.

As associações de Silvânia originaram-se de movimentos espontâneos dos habitantes das diferentes comunidades, visando a desenvolver coletivamente os pequenos produtores e as mulheres rurais da região, e representar e defender seus interesses. Apesar de criadas em períodos cronológicos diferentes, as associações adotaram um texto comum para seu estatuto.

Foram criadas como entidades civis sem fins lucrativos, com duração indeterminada, fundamentando-se na colaboração recíproca a que se obrigam seus associados. Seus objetivos sociais iniciais foram:

- promover o desenvolvimento comunitário, através da realização de obras e melhoramentos, e proporcionar atividades econômicas, culturais e assistenciais aos sócios e seus dependentes;
- criar oportunidades para a busca conjunta de soluções;
- racionalizar atividades de coleta, transporte, beneficiamento, armazenamento, classificação e embalagem de produtos;
- prestar assistência técnica e informações sobre o mercado;
- manter cadastro de produtos e mercados; e assegurar a colocação dos produtos no mercado;
- representar o interesse dos associados.

Segundo o Estatuto, as associações são dirigidas por três órgãos: a Assembléia Geral, a Diretoria Executiva e o Conselho Fiscal. As decisões são assumidas pela maioria simples dos sócios presentes às assembleias gerais ordinárias, e às reuniões (realizadas uma vez por mês). Compete à Diretoria Executiva (Diretor-Presidente, Vice-Presidente, Secretário e Tesoureiro) executar as decisões ou as recomendações da Assembléia Geral, traçar normas para as operações e os serviços da associação, e controlar seus resultados.

As associações fixaram para seu quadro um limite mínimo de dez sócios (número de indivíduos necessários para compor a Diretoria e o Conselho Fiscal), porém não foi estabelecido um limite máximo. Em geral, reúnem uma quantidade mínima de produtores. A adesão à associação é individual. Pode filiar-se qualquer pessoa que se dedique a atividades agrícolas, em imóvel de sua propriedade ou em processo de ocupação legítima (com área de 10 a 100 ha de terras), no âmbito geográfico da sociedade. Cada associação congrega de vinte a trinta agricultores, e é administrada por uma diretoria eleita anualmente, ou a cada dois anos. Para tornar-se sócio, cada agricultor paga uma taxa de adesão de aproximadamente um salário mínimo, e mensalidades de 10% do valor do mesmo.

As associações têm desempenhado atividades essencialmente na área econômica, têm contribuído para melhorar as explorações agrícolas e facilitado a adoção de novas tecnologias agrícolas. Observa-se em algumas, tendência à diversificação de atividades para as áreas social e cultural. Para melhor administrá-las e preservar a coesão interna, a tendência do grupo tem sido a de restringir o número de associados, por essa razão algumas fracionaram-se, dando origem a outra no interior de uma mesma comunidade. Para reduzir o custo de adesão e o pagamento das mensalidades, algumas famílias são representadas por um de seus membros. Em outras, todos associaram-se. A entrada de novos membros tornou-se difícil, pois exigiria uma contribuição elevada para cobrir o patrimônio coletivo já adquirido.

As associações são mistas, porém é reduzido o número de mulheres associadas. Em algumas, associaram-se com direitos iguais aos dos homens, em outras, aparecem como esposas de sócios, com alguns direitos, e em outras não fazem parte do movimento. Porém, mesmo possuindo direitos iguais, as mulheres têm lutado com dificuldades na divisão dos benefícios e na participação nas atividades. Essa situação, em algumas comunidades, vem gradativamente se modificando.

Apesar do mecanismo previsto pelas associações para o revezamento periódico de seus dirigentes, a formação de líderes é um fenômeno discreto. Destacam-se no relacionamento interpessoal os que detêm maior conhecimento técnico. O presidente das associações enquanto ocupa o cargo transforma-se em um líder eventual, visto pelos sócios como um amigo que transfere suas necessidades para o meio externo e que lhes traz informações, mas não como um indivíduo confiável na área técnica. Nesse caso, o poder de decisão nas associações é exercido dentro de limites breves de tempo. Em algumas, têm ocorrido dificuldades para o desempenho da liderança, ocasionadas pela formação de grupos com opiniões diferentes.

Através das reuniões ordinárias e das assembleias, foram facilitados o encontro e a comunicação entre os agricultores. A frequência desses eventos foi positiva para mostrar potencialidades que o grupo até então desconhecia, como o poder político e econômico, e as formas para quebrar algumas das tradições culturais. Mas, por outro lado, a frequência e o objetivo das reuniões têm sido também os responsáveis por conflitos e ressentimentos entre os associados. Reações até certo ponto naturais pois, como estavam acostumados a tomar decisões individualmente e, como viviam isolados, seus conflitos eram menos evidentes.

Nas associações de Silvânia, em relação à tomada de decisões, observam-se dois fenômenos: nas reuniões mensais, onde os sócios têm o direito de votar, discutir e tomar decisões, em geral, são sempre os mesmos que tomam a palavra e as decisões, e formam-se grupos opostos com opiniões divergentes: o grupo dos que possui mais terras, utiliza maior quantidade dos equipamentos coletivos, e detém os cargos de diretoria, e o grupo dos sócios mais jovens, das mulheres e dos que possuem menos terras e mão-de-obra reduzida. O fenômeno tem interferido na coesão interna do grupo e dificultado o exercício da democracia na tomada das decisões. Em consequência, os agricultores mais jovens e as mulheres, muito raramente falam nas reuniões, acham normal não

participar, não manifestam muito interesse pelas questões tratadas e concordam com a decisão dos demais, apesar de não se sentirem satisfeitos com a situação. É muito raro elegerem as mulheres para ocupar cargos de diretoria. Em algumas associações, no entanto, algumas estão começando a constituir os seus discursos. Recentemente em uma delas, uma das sócias foi eleita presidente.

Financiamento das atividades coletivas

Os primeiros investimentos na área econômica centralizaram as atenções, e continuam sendo a preocupação maior dos associados. Esses investimentos foram destinados a quatro setores: financiamento de explorações familiares, criação de serviços coletivos, criação de atividades na área agroalimentar, e construção de instalações para a sede da associação. Alguns dos resultados alcançados pela mobilização promovida pelas associações de Silvânia foram, em 1993: 16 projetos aprovados para obtenção de recursos pelo FCO, totalizando um montante de US\$ 3.200.000 distribuídos entre as 400 famílias vinculadas às associações; recursos para 120 projetos de irrigação, e insumos, via recursos internacionais, para a implantação de lavouras comunitárias.

Esses resultados foram constituídos em uma conjuntura econômica de regime inflacionário elevado, com taxas mensais em torno de 40%, apoiadas em recursos subsidiados pelo FCO, com juros de 5,5% ao ano (50% da correção monetária na primeira fase do financiamento, e 70% na segunda). O baixo custo desses investimentos foi particularmente favorável aos agricultores porque acelerou a capitalização de suas propriedades (especialmente em gado), e facilitou o acesso ao calcário, fator indispensável, considerando-se o tipo de solo da região.

Nessas condições, as associações não se preocuparam em amortizar os financiamentos pois, com os rendimentos das aplicações financeiras obtinham o montante de que necessitavam. Nesse

contexto, descuidaram de administrar a formação de custos de serviços. A situação financeira das associações foi estável até 1994, quando iniciaram as mudanças impostas pelo nova política monetária: o Plano Real com queda da taxa de inflação, a subvenção prevista pelo FCO (com 70% de correção monetária) tornou-se sem efeito, fazendo com que as associações se confrontassem com um problema novo: diversas atividades tornaram-se deficitárias, dificultando o pagamento da dívida com seus lucros.

Sob o risco de se tornarem, a médio prazo, inadimplentes com a dívida assumida com alguns investimentos, as associações perceberam a necessidade de adotar uma administração com o controle rigoroso de suas atividades, buscando alcançar uma rentabilidade mais segura para seus trabalhos.

Financiamento das explorações familiares

Através da associação, os produtores adquiriram individualmente equipamentos, animais e insumos que, somados à utilização das máquinas coletivas, permitiu a exploração intensiva de suas áreas e a formação de pastagens cultivadas, o que contribuiu para que aceitassem com naturalidade a nova forma de organização (Figura 10). Declararam que os três maiores problemas enfrentados inicialmente foram: conseguir o primeiro financiamento, vencer o medo de assumir a dívida, e pagar o primeiro financiamento, mas que *“agora, nossa tendência é crescer, o difícil foi começar!”*.

Na opinião dos agricultores, os benefícios adquiridos através dos financiamentos foram fundamentais, tanto para o desenvolvimento das fazendas, como para ampliar conhecimentos e desenvolver experiências, pois a associação também facilitou a entrada das informações técnicas nas comunidades. Ainda esperam da associação formas diversificadas de trabalho; pretendem fazer investimentos e conseguir novos financiamentos. As mulheres esperam elaborar projetos de produção e ter acesso aos próximos créditos rurais.



FIG. 10. Gado mestiço com maior aptidão leiteira, adquirido através de financiamentos bancários.

Criação de serviços coletivos

A maior parte dos recursos obtidos através dos financiamentos destinou-se à aquisição de tratores, equipamentos para o preparo do solo e veículos para o transporte dos produtos, o que demonstrou a preocupação em criar serviços coletivos para facilitar a produção individual e as lavouras coletivas mantidas pelas associações. A aquisição de veículos, através dos financiamentos, facilitou o transporte do leite e de outros produtos para a cidade. A entrega do leite em veículo próprio permitiu a redução de aproximadamente 30% no custo do frete. Esse meio de transporte tem sido utilizado, também, para cumprir atividades sociais: conduz os sócios e os membros de suas famílias, o que estimulou a educação de crianças e jovens, pois a facilidade de ir e voltar no veículo da associação, possibilitou que os estudantes, após as aulas, continuassem vivendo no campo e ajudando os pais na lavoura.

Grande parte das associações tem um patrimônio comunitário que inclui a maioria dos implementos necessários para desenvolver as lavouras e as criações: grade niveladora, plantadeira, pulverizador, roçadeira, arado, ensiladeira, bateadeira de cereais e misturador de rações. Na opinião dos agricultores, o trator foi o equipamento mais importante adquirido pela associação: *“agora, com o nosso trator, pagamos a metade do preço cobrado no mercado para o aluguel das máquinas”*. Mas, tem sido também o motivo mais aparente das discussões e conflitos no interior do grupo porque, segundo eles, *“cada um, tem uma idéia diferente sobre como administrar o trator e ele acaba ficando muito tempo parado!”*

Inicialmente, as associações dispensaram pouca atenção ao preço real dos serviços que prestavam, ao custo de amortização da dívida, e à previsão para a renovação dos equipamentos. Nos primeiros serviços coletivos criados, prevaleceu a “cultura da inflação”. Dentro dessa filosofia, logo após a aquisição dos tratores, algumas associações começaram a prestar serviços de forma gratuita aos associados. Mais tarde, passaram a estabelecer taxas, resultantes de discussões entre os associados. Essas novas taxas, geralmente sem bases objetivas, costumavam ser modificadas de tempos em tempos.

Além da dedicação às próprias lavouras, os associados reservam um tempo para o trabalho nas lavouras comunitárias administradas pela associação. Essas lavouras ocupam áreas arrendadas, compradas ou cedidas. O produto resultante reverte em benefício da associação e também para os sócios que dela participam (geralmente, essa renda extra é investida em melhorias nas propriedades dos associados).

Em muitas das associações do estado de Goiás, os recursos adquiridos através do FCO facilitaram o desenvolvimento das lavouras comunitárias. Como exemplo, pode-se citar a Associação de Vale do Piracanjuba que, tendo adquirido 1200 toneladas de calcário, conseguiu corrigir não apenas o solo das propriedades de todos os seus associados, mas também o da lavoura comunitária, a qual puderam ser agregados 120 hectares, passando a constituir a maior das áreas comuns cultivadas no município.

Parece que as dificuldades recentes para alcançar novos financiamentos contribuíram para diminuir o entusiasmo inicial em trabalhar nas lavouras comunitárias. Segundo os agricultores presentes no I Encontro das Associações de Pequenos Produtores de Silvânia, organizado pela Central em agosto de 1995, *“está faltando interesse, recursos e estímulo para continuar com as lavouras e, sobretudo, existe dificuldade em comercializar seus resultados”*. Alguns são de opinião que o FCO contribuiu, de certa forma, para torná-los *“mais individualistas, pois cada um está mais interessado em sua própria fazenda, por isso, falta união para trabalhar nos mutirões e nas lavouras comunitárias”*.

Criação de atividades na área agroalimentar

Segundo depoimentos dos técnicos que participaram do planejamento das unidades para transformação artesanal de produtos agrícolas (doces de leite, farinha de mandioca e polvilho, açúcar mascavo e queijo), tratava-se na realidade de uma exigência do FCO (desenvolver o setor agroalimentar), e esteve baseada na tradição familiar de processamento caseiro existente em cada uma das comunidades.

O próprio estatuto das associações registrou a intenção de criar essas atividades e de direcioná-las às mulheres que se associassem: *“É instituída uma associação de desenvolvimento comunitário de pequenos produtores e mulheres rurais. Para efeito deste artigo, são consideradas mulheres rurais, as que se dedicarem a atividades artesanais agrícolas e de indústria rural caseira.”* Os próprios agricultores, com o passar do tempo, começaram a dar-se conta da necessidade de revisar o texto do estatuto, para corrigir e melhorar trechos como esse, que estabelecem distinção entre os sócios.

Ainda que as fábricas de doces e de farinha tenham sido movimentadas principalmente pelas mulheres, nelas também os

homens têm participado. Em duas das associações, em que havia a tradição caseira de produção e comercialização de doces de leite, as fábricas começaram a funcionar regularmente desde 1991. Uma delas lutou, desde o início, com dificuldades para reunir mão-de-obra e para comercializar os produtos, nela desempenham funções apenas duas mulheres. Na outra, nas horas de maior demanda, os homens auxiliaram no fabrico dos produtos. Os doces dessa segunda fábrica são comercializados, duas vezes por semana, na feira promovida pela Prefeitura na sede do município (os sócios, homens e mulheres, e seus filhos encarregam-se das vendas) (Figura 11). Em ambas as associações, as mulheres sentiram-se sobrecarregadas, cumprindo a dupla jornada de trabalho; surgiram problemas graves de administração e de controle de qualidade dos doces, o que resultou no fechamento provisório de uma das fábricas, seus doces continuam sendo vendidos, mas produzidos a domicílio.

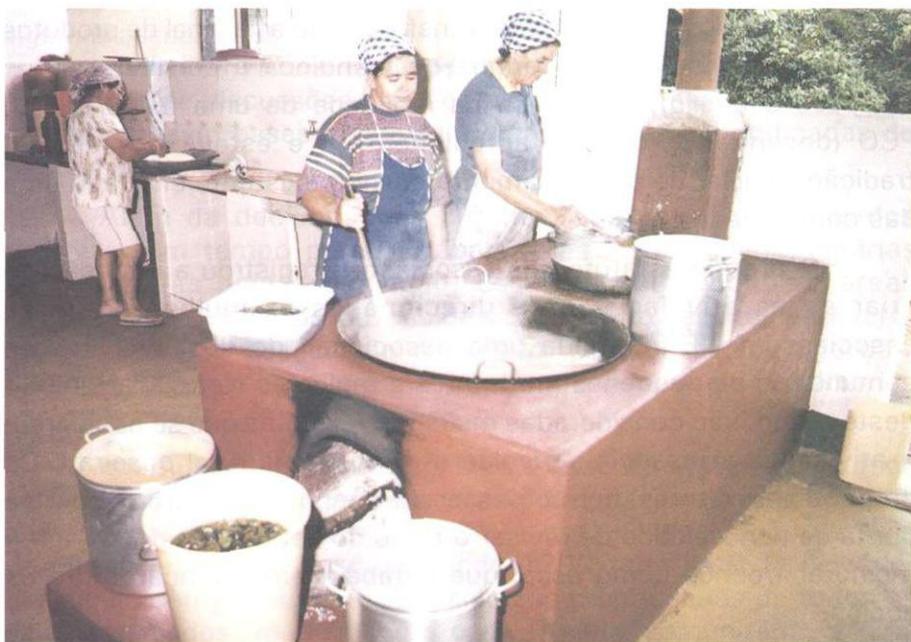


FIG. 11. Fábrica de doces de leite e de frutas da Associação dos Pequenos Produtores Rurais da região do Variado.

A fábrica de farinha, construída na mesma época em que a de doces, apenas começou a funcionar a partir de 1994, quando as mulheres receberam estímulo para trabalhar, através de um programa de animação experimentado pela Embrapa (Sperry, 1996). Por haver permanecido por longo tempo em desuso, os equipamentos deterioraram-se; por outro lado, começou a ocorrer falta de água na fábrica mas, mesmo assim, as mulheres revezando-se e sendo apoiadas pelos homens, tanto na fábrica, como no cultivo e na colheita da mandioca, produziram farinha e polvilho de boa qualidade, ocorrendo demanda por maior produção. Superadas as dificuldades iniciais, adquiriram competência para trabalhar, embora atuando de forma precária, pois a Associação não previu a produção de matéria-prima suficiente para manter a transformação (Figura 12).



FIG. 12. Fábrica de farinha de mandioca e de polvilho da Associação dos Pequenos Produtores Rurais da região de Kilombo.

A fábrica para a produção de açúcar mascavo, operada por homens, também demonstrou eficiência mas, por não haver feito previsão de produção da matéria prima de que necessita, está enfrentando dificuldades para atender grandes demandas. Também em caráter precário, em outra associação funciona uma pequena fábrica de queijo do tipo mussarela. Para 1997, está sendo prevista a criação de mais uma fábrica de queijo em outra associação.

Os espaços criados pelas associações para que as mulheres desempenhassem pequenos projetos de produção ainda não funcionaram com a eficiência desejada. Porém, foram interessantes para especializar profissionalmente os que delas participaram e para promover as associações pois, por se tratar de experiências pioneiras na região, seus exemplos foram amplamente divulgado na imprensa.

Construção de instalações para a sede das associações

Segundo os agricultores, além das dificuldades para conseguirem pagar o primeiro financiamento e para vencerem o receio de assumir a dívida, seu grande problema inicial foi o de não terem onde se reunir depois que criaram as associações. Por essa razão, a construção das instalações para o funcionamento da sede da entidade, figurou em suas primeiras propostas de financiamento. A sede da associação tornou-se o ponto habitual de encontro do grupo. Inicialmente previsto para o tratamento de questões técnicas (reuniões internas, recepção de visitas, cursos e palestras, ou para armazenar o patrimônio), pouco a pouco, esse espaço começou a ser percebido como um local que também poderia ser utilizado para a realização de eventos sociais. Uma das associações construiu um pequeno armazém, ao lado de sua sede e junto a estrada, para facilitar a venda dos produtos dos associados.

Progressivamente, os associados descobriram que poderiam incluir atividades sociais em seu calendário (saúde, lazer, educação,

cultura). Muitas idéias têm sido discutidas, e postas em prática por algumas associações, tais como: bibliotecas, comemoração de datas festivas, torneios desportivos, encenação de peças teatrais, cantos, danças, impressão de jornais, artesanato, e ainda estão sendo planejados consultórios médicos e odontológicos.

3.2 Organização e funcionamento da Central das associações

A soma da força de trabalho das associações deu origem à criação de centrais municipais, pois as vantagens de representatividade e de agilidade alcançadas por elas individualmente dependiam de uma programação, para priorizar demandas e potencialidades municipais e para vincular-se aos programas de desenvolvimento econômico de cada região. As primeiras experiências com a criação de centrais de associações do estado de Goiás ocorreram nos municípios de Formosa, Orizona, Porangatu e Silvânia. A partir desses exemplos, outros adotaram o modelo. Atualmente, existem 25 centrais de agricultores, cada uma delas congregando uma média de quinze a vinte associações, alcançando um total de 840, no Estado.

Em 1991, foi criado o Centro de Apoio aos Mini e Pequenos Produtores Rurais e suas Organizações, o CAMPPPO, com sede na capital do Estado, representando os associados e a central de cada município na luta pela melhoria de condições para produzir, comprar, vender e atuar como elo de ligação com os agentes externos. O Conselho Diretivo do CAMPPPO é formado por três representantes da central das associações existente em cada município.

A Central de Pequenos Produtores Rurais de Silvânia foi fundada em 17 de junho de 1992. Os agricultores contam que a primeira reunião para discutir o assunto foi realizada no cinema da cidade, com a presença dos sócios de cinco associações. A Central de Silvânia representa, aproximadamente 600 sócios das 27 associações criadas no município. Para filiar-se, cada associação deve pagar um direito de entrada equivalente a um salário mínimo, e cada associado pagar, mensalmente, o equivalente a 1% do salário

mínimo. Segundo seu Estatuto, a Central foi criada para: estudar, coordenar, defender e proteger os interesses dos pequenos produtores, em um regime de liberdade, democracia, cooperação e ajuda mútua, com os objetivos de:

- congregar e representar as associações, defendendo direitos e deveres dos sócios;
- estimular atividades de produção, comercialização, transporte, armazenagem, beneficiamento e industrialização; produção de sementes e mudas; inseminação artificial e mecanização;
- firmar convênios com entidades públicas e privadas;
- promover a educação associativista e o conhecimento profissional dos sócios;
- promover o planejamento conjunto das atividades de produção agropecuária dos associados;
- promover o desenvolvimento profissional, agroindustrial e tecnológico dos associados;
- custear atividades; promover campanhas, congressos e cursos;
- promover compras e vendas conjuntas.

Cada associação tem o direito de ser representada na Central por cinco delegados, que constituem seu Conselho de Representantes, responsável pela eleição da Diretoria, pela aplicação do patrimônio, e pelas medidas de ordem econômica e moral assumidas pela Entidade. A Diretoria da Central é eleita para um mandato de dois anos.

A Central, criada pelas associações de Silvânia para atuar como fórum de discussões e como representante e defensora de seus interesses, tem enfrentado as dificuldades naturais às iniciativas pioneiras desse gênero: falta de recursos para iniciar os trabalhos, experiência, informações para agir e, sobretudo, de recursos para seu auto-sustentar. Apesar dessas limitações vem, pouco a pouco, galgando etapas e conseguindo atender a maior parte dos objetivos sociais propostos em seu Estatuto.

A infra-estrutura criada em três anos de funcionamento, pode ser assim sintetizada: aquisição de um imóvel, com uma sala para reuniões, um escritório e um depósito, bem como, de mobiliário para o funcionamento na sede do município; aquisição de telefone, fax, computador e um automóvel. Conta ainda com um computador e impressora. Oferece serviços permanentes de apoio aos associados através de um Engenheiro Agrônomo, que no início era remunerado com uma bolsa-trabalho do CIRAD e que atualmente é técnico do Projeto Novas Fronteiras do Cooperativismo (PNFC), do Ministério da Agricultura e do Abastecimento, desenvolvendo ações desse Projeto junto à Central. Dispõe de uma secretária (remunerada pelos sócios).

4 APOIO TÉCNICO AOS ASSOCIADOS

4.1 Apoio das associações

As associações foram responsáveis pela melhoria na capacitação dos sócios para as atividades de agricultura e de pecuária. Associados, os agricultores passaram a tomar decisões conjuntas para: contrair crédito, investir e adquirir insumos, racionalizar a mão-de-obra, intensificar e diversificar a produção, definir projetos de produção; sua renda foi incrementada, ocorreu melhora no acesso ao mercado, na organização e administração das fazendas, e redução no preço dos insumos (através das compras coletivas).

Para administrá-las e prestar apoio técnico aos que decidiram vincular-se ao movimento, as associações de Silvânia adotaram os procedimentos legais sugeridos para esse tipo de organização: registro oficial de um estatuto, seleção e adesão dos interessados, eleição de uma diretoria, e realização periódica de assembléias ordinárias e extraordinárias. No entanto, a prática mostrou que grupos diferentes podem mostrar problemas e demandas diferentes e, também, soluções diferentes, mas que existem problemas e demandas comuns a todas as associações.

Um dos problemas comuns a todas as associações parece ser o de interpretar o próprio estatuto que as regulamentou. Os

associados têm dificuldade para compreender a linguagem jurídica, confundem direitos e deveres, e não compreendem como cumprir determinados encargos para os quais foram eleitos, o que compromete a eficiência no cumprimento de algumas das atividades de apoio prestado pelas associações ao grupo. Por exemplo, não compreendem por que o vice-presidente apenas entra em atividade quando o presidente sai do exercício (acham que ele deveria atuar mais, já que foi eleito), não sabem por que o secretário fica restrito a fazer as atas das reuniões; têm medo de ser eleitos para o cargo de fiscal, e serem vistos pelo grupo como “espiões”; acham que a função dos delegados das associações junto à Central poderia ser mais ativa do que é (os fiscais apenas votam, a cada dois anos, na época das eleições).

Outro exemplo de problema comum à maioria das associações é a dificuldade para administrar e participar das reuniões. À medida que o tempo passa, mais complexo se torna o problema, a questão é percebida por todos, angustiando o grupo, tornando cada vez mais lento o processo de decisão, (as reuniões, que antes chegavam a uma conclusão em duas horas, hoje demoram de quatro a cinco horas e, ainda assim, não apresentam os resultados esperados).

O exercício das atividades nas associações (as mais antigas já estão com quase seis anos), mostrou a necessidade de se criarem regras também para administrar a prestação de serviços de apoio técnico e as ações coletivas de trabalho. Algumas delas constituíram e nomearam grupos e comissões para gerenciar esses empreendimentos, tais como lavouras comunitárias e fábricas; prestação de serviços do trator e do bujão de inseminação artificial; administração das terras, do gado, do leite, das vendas e das compras em conjunto, e das dívidas. Uma dessas associações equipou-se para resfriar o leite e organizou-se para receber e repassar para a cooperativa a produção de três associações (o que diminuiu os gastos com o frete). A maioria das regras criadas (geralmente, discutidas e aprovadas em assembléia), originou-se de exemplos copiados de outras associações de Silvânia ou, dos municípios vizinhos, ou foram sugeridas pelos técnicos dos órgãos de apoio externo. Outras, têm

sido criadas, testadas e modificadas pelo próprio grupo. Descontentes com os resultados de algumas de suas formas coletivas de trabalho, têm experimentado diferentes tipos de organização. Contam, por exemplo, que em uma das associações, já utilizaram cinco diferentes formas para administrar o trabalho das lavouras comunitárias.

Têm tido muita dificuldade para administrar e dar apoio às pequenas fábricas que criaram. Em geral, transferem toda a responsabilidade dessas unidades para o pequeno grupo encarregado de conseguir a matéria-prima, de transportar, transformar e comercializar os produtos. Segundo a lógica adotada pelas associações, as fábricas não têm sido vistas como unidades que deveriam ser gerenciadas e apoiadas por elas visando a beneficiar o maior número possível de associados e sim, como um local privilegiado para o emprego de mão-de-obra de alguns poucos associados, já que as lavouras comunitárias ou a criação coletiva de gado, previstas para atuar simultaneamente, fornecendo a matéria-prima para a transformação e que envolveriam grande número de membros das famílias, em geral, não estão funcionando.

É interessante salientar que o grupo tem consciência de que melhorar sua forma de organização é um de seus maiores problemas. Em uma enquete aplicada pela Central, no final de 1995, 80% dos entrevistados declarou que tem faltado eficiência para a diretoria administrar a situação interna das associações e para comercializar a produção dos associados, o que pode estar contribuindo para aumentar o desinteresse e a desunião de alguns grupos.

A recuperação de estradas e outras benfeitorias (construção de açudes, barragens e mata-burros¹⁰) é outro tipo de serviço coletivo que as associações vêm apoiando. Para esse tipo de trabalho, costumam entrar em acordo com órgãos externos, que

¹⁰ Mata-burro, ponte de traves espaçadas, destinada a vedar o trânsito de animais (NOVO DICIONÁRIO AURÉLIO, p.903).

fornece o material, enquanto a associação entra com a mão-de-obra prestada pelos sócios. Para ações dessa natureza, nomeiam grupos de trabalho que se responsabilizam pela administração e pelo cumprimento da tarefa.

Normalmente, as atividades coletivas em favor das comunidades começaram a intensificar-se após a criação das associações. Antes, essas iniciativas eram esporádicas e não se referiam a questões técnicas ou econômicas e sim, à construção de escolas, igrejas, pavilhões comunitários.

4.2 Apoio da Central

A Central das Associações (Figura 13) tem atuado com interlocutora no diálogo, tanto no sentido agricultor/município, integrando as associações às forças produtivas de Silvânia, como entre o município e os agricultores, facilitando à Prefeitura o acesso às informações que possibilitam planejar o desenvolvimento econômico da região e o estabelecimento de parcerias. Diálogo semelhante tem sido sustentado com as esferas estadual e federal.



FIG. 13. Sede da Central de Pequenos Produtores Rurais do município de Silvânia.

Os pequenos agricultores organizados de Silvânia, ao provar que podiam contrair crédito, demonstraram um poder capaz de apagar a imagem de “problema social” que depende do Estado para ser resolvido. Provaram que são capazes de estruturar-se e de atuar de forma independente.

As associações começaram a ser criadas em 1989, e a Central foi estabelecida em 1991. Através dessa estrutura, o trabalho de mais de 500 agricultores alcançou uma posição de respeito. No entanto, o período de tempo utilizado para construir essa imagem e alcançar os primeiros resultados econômicos foi eficiente também para mostrar a fragilidade da estrutura da Central. Para reforçá-la e incluir novas estratégias ao modelo, a Central está revisando alguns de seus comportamentos e conceitos a respeito das formas de apoio que deve prestar aos associados. Segundo o que foi decidido no início, a ocupação prioritária da Central deveria ser a de prestar apoio, buscando aumentar o valor agregado de cada associação mas, ao assumir o papel de líder do processo e centro das discussões, atraiu para si grande parte das responsabilidades antes atribuídas aos órgãos do Estado (como as de apoio técnico, de conscientização, de estímulo e de organização).

Conscientes da situação e preocupados em preparar-se para atuar com mais eficiência, os membros da Diretoria da Central e os do Conselho de Representantes das Associações decidiram discutir com os associados do município, oferecendo uma oportunidade de expressão pessoal a cada um, durante o evento realizado em 4 de agosto de 1995. O I Encontro de Associações de Pequenos Produtores Rurais de Silvânia reuniu representantes das 25 associações (490 pessoas, entre sócios e familiares) e teve como tema principal avaliar os problemas e encontrar soluções para melhorar a Central. A discussão reuniu dados muito significativos, que estão servindo de base para a implantação de melhorias, tanto no apoio técnico a ser oferecido pela Central, como pelas associações e pelos órgãos externos.

Nessa reunião, os agricultores expressaram suas preocupações sociais e econômicas em dois níveis: os problemas da Central, e os das associações. Foi apontado como o maior problema da Central, em relação às associações, a falta de comunicação com os sócios, afirmaram que se essa comunicação melhorasse, provavelmente o entrosamento entre os sócios melhoraria. Sugeriram que as informações circulassem melhor. Solicitaram, também, que a Central estimulasse o intercâmbio entre as associações, cobrando a presença dos representantes em suas reuniões, promovesse a comercialização de produtos das associações e as compras em conjunto, e estimulasse o aumento da produção do leite, para facilitar a comercialização coletiva; oferecesse cursos; estimulasse a elaboração de projetos técnicos entre associações com os mesmos interesses; e recomendaram uma aproximação maior da Central com o CAMPPPO, a Embrapa e a EMATER, para melhorar a assistência técnica e diversificar a produção, as lavouras comunitárias e a comercialização da produção.

No início de 1996, a Central promoveu uma reflexão junto às associações, para refinar e priorizar as demandas propostas na reunião realizada quatro meses antes. Os resultados desse levantamento de opinião direcionaram-se a atender a questões prioritárias para o grupo: informações básicas sobre organização e administração de associações e sobre técnicas agropecuárias. Essas demandas estão sendo atendidas através de cursos ministrados pela Central (sobre: administração e organização de associações, criação de pequenos animais, planejamento de indústrias artesanais, irrigação, culturas anuais, comercialização e pecuária).

Conforme sugestão dos próprios associados, a Central deveria abrir perspectivas novas e estimular a criatividade das associações: divulgando informações, promovendo contatos externos e o intercâmbio entre associações; efetuando estudos técnicos sobre a exequibilidade dos projetos desejados pelas associações; propondo novos projetos técnicos, com opções para escolha; acompanhando e orientando a constituição de grupos de interesse e de reflexão.

A propósito, o ex-Secretário de Agricultura do município, Euter Paniago Junior declarou que *“... o projeto político das associações parece muito claro, mas o projeto técnico, econômico e social do movimento não o é, por esse motivo, é essencial um apoio técnico qualificado e acertado entre os diferentes atores sociais, por parte da Central e dos órgãos externos de pesquisa e de extensão, que permita a municipalização do desenvolvimento, através de programas e de ações pontuais.”*

A dificuldade da Central em aproximar-se ainda mais das associações e dos associados pode estar sendo causada pela forma como são geradas, discutidas e transmitidas as informações, e tomadas as decisões pelo Conselho de Representantes das Associações. A maioria dos presidentes das associações, a cada quinze dias, comparece às reuniões da Central, ou encaminha um substituto. Cada um recebe cópia da agenda com os assuntos que serão discutidos, para melhorar a transmissão das informações para as associações. As reuniões são bem planejadas e conduzidas, e têm uma duração máxima de uma hora e meia. No entanto, é muito rara a manifestação espontânea dos presidentes, que se limitam a escutar e a dar sua opinião, apenas quando solicitados. Conseqüentemente, deixam de expressar a demanda e as necessidades dos que vieram representar. Como as reuniões das associações, em geral, não precedem imediatamente às da Central, os assuntos são esquecidos ou transmitidos com atraso.

Entre 1993 e 1995, a Central elaborou 23 projetos de financiamento para as associações esses projetos facilitaram a aquisição de 19 tratores, 9000 toneladas de calcário, 2000 matrizes de gado leiteiro, 130 conjuntos de trituradores, quatro caminhonetes 3/4, e 18 conjuntos de inseminação. Em 1995, elaborou nove projetos sobre café; quatro projetos coletivos para o FCO (Associações de Olho d'Água, Alegria, Posse e Boa Vista dos Macacos); três projetos individuais de investimento agropecuário, com prazo de cinco a oito anos para pagamento, com recursos oriundos do PRONAF e do PROGER (Programa de Geração de Empregos e Renda) e projetos para as lavouras comunitárias das Associações de Rio Vermelho, Olho d'Água, Gengibre, Variado, Madeira, Rio dos Bois e Entorno.

Em 1996, elaborou quatro projetos coletivos para o FCO; intermediou a negociação da securitização das dívidas assumidas com os financiamentos bancários anteriores, em favor de cinco associações, incluindo uma que não era de Silvânia; efetuou 40 projetos de custeio agrícola dívida a ser paga na próxima safra, pelo PROGER e PRONAF; elaborou mais de 300 cartas-proposta para investimentos agropecuários, pelo PRONAF.

Cumprindo seu papel de representar as associações e de defender seus direitos, a Central tem promovido negociações e alcançado importantes resultados , como:

- a) empresas compradoras de leite - em janeiro de 1994, o leite estava sendo comprado por 0,11 US\$ o litro, após as negociações, passou para 0,17 US\$, e no final do ano, para 0,23 US\$; do início de 1995 até o mês de outubro, passou para R\$ 0,26 por litro, e na estação das águas de 1995/1996, foi comprado por R\$ 0,18;
- b) empresas de contabilidade - alcançou um preço mais acessível para os serviços prestados às associações;
- c) estabelecimentos bancários - apresentou projetos de financiamento, prestou acompanhamento e representou as associações durante o trâmite dos processos de financiamento. Em janeiro de 1995, a Central foi credenciada junto ao CREA-GO (Conselho Regional de Engenharia e Arquitetura), habilitando seu Engenheiro Agrônomo a prestar assistência técnica e a elaborar os projetos de financiamento das associações, atividade antes executada exclusivamente pelos técnicos da EMATER-GO;
- d) comércio local e indústrias - até junho de 1994 , foram adquiridos 1121 sacos de farelo de soja e 768 sacos de mistura mineral, com preços 30% abaixo do mercado local. Depois de julho de 1994, foi negociada, diretamente com as indústrias, a compra de 2200 sacos de farelo de soja, com 18% de abatimento, 5000 sacos de mistura mineral, com 20% de abatimento, sementes de milho e de arroz, a custo diferenciado e com prazos de pagamento para a safra 1995/1996;

- e) autoridades da área político-administrativa e governamental - está sendo negociada, a fundo perdido, a doação de adubo e sementes para as lavouras comunitárias das 25 associações. Foram pleiteados recursos, junto ao Departamento de Cooperativismo, Associativismo e Infra-Estrutura Rural - DENACOOB, para a realização de cursos técnicos para as associações.

“Os agricultores de Silvânia tinham muito pouco. Depois das associações, a situação deles mudou radicalmente e em todos os sentidos! Em geral, praticavam agricultura de subsistência, hoje são pequenos produtores rurais, possuem uma organização formal que defende seus interesses, obedecem às regras estabelecidas por eles, trabalham e decidem de forma coletiva. A produtividade de seu rebanho leiteiro melhorou, através da adoção de novas tecnologias agropecuárias. Por exemplo, Olivar da Costa Santos da Associação do Kilombo, que tirava diariamente quatro litros de leite por vaca, tira agora 12 litros, e José Luis Ribeiro da Associação de Santa Rita, que colhia 2000 quilos de milho por hectare, colhe agora 5500 (ambos são acompanhados pelo Projeto Silvânia da Embrapa). Hoje, os agricultores filiados ao movimento produzem entre 20 a 25 mil litros de leite por dia. Infelizmente, não se pode fazer um paralelo da situação atual com a anterior, porque antes essas informações não eram registradas. Atualmente, informatizamos os dados sobre as fazendas de mais de 500 agricultores.

A Central foi o ponto fundamental para melhorar as condições de trabalho e para congregar os esforços das associações. Através de seus serviços, os agricultores têm alcançado reduções consideráveis nos custos das compras em conjunto (sal mineral, adubo, farelo, sementes e calcário); têm melhorado suas formas de capacitação, através de cursos, reuniões e assistência técnica prestados coletivamente, e de recomendações individuais, pois é muito grande a afluência de agricultores em busca de orientações técnicas. Têm recebido apoio e orientação para administrar as dívidas assumidas com os financiamentos bancários (acumuladas desde antes da criação da Central), com atendimento individualizado por associação. Têm utilizado os serviços técnicos da Central para encaminhar solicitações de projetos de custeio e investimentos agropecuários nas diversas linhas de crédito disponíveis.

Têm tido oportunidades para diálogo e para a troca de informações através do encontro quinzenal dos presidentes das associações.

Os resultados alcançados pela organização das associações em torno da Central têm atraído pessoas e instituições interessadas em conhecer as formas coletivas de trabalho experimentadas, criadas e adaptadas em Silvânia. Temos acompanhado e orientado estudantes de nível médio e superior; recebido visitas de instituições internacionais, como o IICA, a FAO e o CIRAD. Frequentemente, recebemos pesquisadores de diferentes centros da Embrapa e do Ministério da Agricultura e do Abastecimento, professores de universidades e técnicos de entidades privadas e de agricultores de outros municípios e estados. A imprensa e a televisão têm utilizado o exemplo de Silvânia para mostrar as vantagens das ações coletivas entre agricultores.

Começamos e continuamos com poucos recursos, por isso, temos muitos problemas e dificuldades, o maior deles é consolidar o corpo técnico e a infra-estrutura da Central, nos faltam pessoal, veículos e equipamentos. Outro problema é a comercialização dos produtos dos associados. A própria legislação dificulta as ações da Central, porque nos impede de emitir notas fiscais. Precisamos comercializar conjuntamente o leite produzido pelos sócios (produto prioritário na região) e contribuir para a sua transformação. Nesse sentido, os primeiros passos já estão sendo dados: Engenho Velho, Variado, Rio dos Bois, João de Deus, Bom Jardim e Olaria estão entregando o leite para a cooperativas, em nome da associação, outras estão quase prontas para iniciar. Um problema também muito sério, é o do isolamento de algumas associações e de alguns sócios.

Meu sonho é poder vir a prestar um atendimento de melhor qualidade para os agricultores, tanto na assistência técnica, como na assessoria à comercialização, e vê-los gerenciando a sua produção dentro de uma lógica mais adequada às suas necessidades e às do mercado. (Depoimento prestado, em 10 de novembro de 1996, por Carlos Henrique de Carvalho Junior, Engenheiro Agrônomo do Projeto Nova Fronteiras do Cooperativismo - PNFC (PNUD BRA-92/011), em ação junto à Central das Associações de Pequenos Produtores Rurais de Silvânia).

Algumas das soluções para os problemas apontados por Carlos Henrique de Carvalho Júnior, no depoimento prestado em novembro de 1996, começaram a ser encontradas pelos próprios agricultores, em 1997: o leite produzido pelos sócios começou a ser comercializado em conjunto por todas as 27 associações de Silvânia. As associações que entregavam leite para laticínios em nome dos associados uniram-se e, na reunião da Central realizada em 4 de abril, propuseram a constituição de “Comissão do Leite”, que encarregar-se-ia de administrar a comercialização do leite para todos os sócios interessados. Na última semana de abril, já foi registrado um aumento de cerca de 20% no preço do leite. Todas as associações do município encontram-se representadas na Comissão na qual 220 agricultores comercializam em média 12 mil litros de leite por dia. (Figura 14).

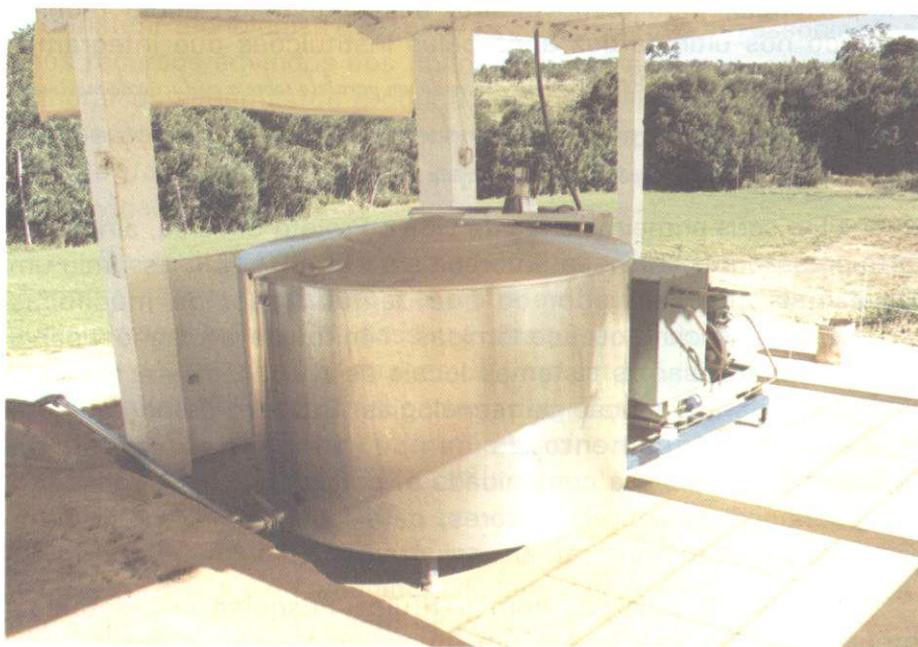


FIG. 14. Tanque de resfriamento para a comercialização conjunta do leite, Associação do Variado.

No início do ano de 1997, o Projeto Novas Fronteiras do Cooperativismo - PNFC decidiu reforçar o apoio à Central das Associações dos Pequenos Produtores do município de Silvânia, colocou à disposição dos agricultores uma equipe de consultores, dispostos a refletir em conjunto sobre as possibilidades de implementar estratégias que viessem a contribuir para melhorar a forma de gerenciamento das associações. Essa interferência tem a finalidade de observar a evolução do movimento, apoiar os projetos dos agricultores e divulgar resultados para outras regiões do país.

4.3 Apoio das Empresas de Pesquisa e de Extensão Rural

Durante o Encontro das Associações, promovido pela Central de Silvânia em agosto de 1995, o ex-Secretário de Planejamento do Estado de Goiás, Durval Mota, externou uma opinião que demonstra a importância, para o movimento associativo, do apoio técnico prestado nos últimos dez anos pelas instituições que integram o Projeto liderado pela Embrapa: *“fazendo um paralelo sobre a evolução do movimento nos diferentes municípios do estado de Goiás, observa-se uma diferença marcante no caso de Silvânia, único município apoiado por um projeto de pesquisa.”*

Em seus primeiros anos de vida o Projeto Silvânia, ainda sob forte pressão das linhas da Embrapa e da EMBRATER, assumiu um papel mais de observador do que de facilitador de mudanças tecnológicas, sociais ou econômicas. Limitou-se a diagnosticar a situação, a analisar os sistemas locais de produção, e a formular estratégias para a adoção de tecnologias. Buscava compreender a lógica de funcionamento do campo; formar um capital de conhecimentos sobre a comunidade e, principalmente, conhecer e ser reconhecido pelos agricultores, para fazer nascer no grupo a disposição para refletir e atuar conjuntamente.

De 1986 a 1989, com o título “Pesquisa em sistemas integrados de produção em um município do agroambiente dos Cerrados”, o Projeto dedicou-se a diagnosticar e caracterizar sistemas de produção, com o objetivo de definir uma metodologia de pesquisa

e de extensão rural aplicada ao desenvolvimento, selecionou 35 fazendas para acompanhamento (fazendas-de-referência), para definir a metodologia de trabalho.

As fazendas-de-referência têm o objetivo de identificar as implicações das políticas econômicas e sociais sobre as problemáticas locais; discutir com os produtores a eficiência de suas práticas, identificando com eles as possíveis margens de progresso; testar e validar com os agricultores as inovações técnicas capazes de incrementar os resultados; e, difundir as práticas mais eficientes para a situação local (Bonnal *et al.*, 1994).

Em 1989, os agricultores começaram a criar suas primeiras associações em Silvânia. Esse fato, ligado à evolução do conceito de pesquisa da Embrapa, levou a equipe a redefinir uma vez mais o Projeto. Nesse segundo momento, sua principal contribuição foi a de transferir tecnologias que, aliadas à organização em associações e aos recursos advindos dos financiamentos externos, ajudaram a melhorar os sistemas de produção dos pequenos agricultores. Ou seja, nessa etapa, atuou, não apenas como facilitador para difundir tecnologias, mas também, para aumentar a produção e a produtividade da região.

De 1990 a 1991, sob o título Implantação do enfoque de pesquisa/desenvolvimento na transferência de tecnologias no município de Silvânia, GO, passou a pesquisar fórmulas para facilitar a adoção de tecnologias, através de uma estratégia comunitária. O Projeto foi dividido em três partes: diagnóstico e intervenção na comunidade, quando foram selecionadas cinco, das 18 comunidades identificadas pela EMATER-GO (Kilombo, Variado, Limeira, Bom Jardim, e João de Deus INCRA); estudos específicos sobre: o sistema agrário, a evolução histórica da agricultura em Silvânia; os canais de comercialização da mandioca, do leite e derivados; e os solos do município; e acompanhamento de fazendas-de-referência.

A partir de 1992, com a criação da Central dos Pequenos Produtores Rurais de Silvânia, o Projeto deixou de atuar como simples

transferidor de tecnologias, passando a exercer atividades de apoio ao desenvolvimento econômico e social, enfocando as associações recém-criadas como público-alvo de suas ações, através da Central, e com seu apoio.

Em 1993, com a mudança do sistema de programação da Embrapa, o Projeto Silvânia foi subordinado ao Programa de Pesquisa 09 - Sistemas de Produção da Agricultura Familiar (SPAF) e seu título passou a ser: "Uso do enfoque P/D para o desenvolvimento da pequena agricultura na região de Silvânia". Nessa ocasião, foram diversificados os temas de pesquisa, e sete novos subprojetos foram propostos e iniciados entre 1993 e 1995:

- Adequação de métodos de gerenciamento técnico-econômico para a pequena agricultura;
- Características sociológicas das organizações de pequenos produtores de Silvânia;
- Banco de dados georreferenciados: uma aplicação ao município de Silvânia, GO;
- Zoneamento agroecológico como instrumento de racionalização da pequena agricultura;
- Análise dos canais de comercialização a partir do município de Silvânia;
- Apoio ao desenvolvimento econômico e social dos pequenos e médios produtores rurais do município de Orizona, GO (como extensão da pesquisa que está sendo efetuada em Silvânia, o subprojeto foi implantado no município de Orizona, GO, abrangendo quatorze associações de pequenos produtores rurais. Mas, posteriormente, o subprojeto foi desativado); e
- Um processo de análise para a construção da demanda de apoio a pequenos produtores rurais.

“Os resultados obtidos pelo Projeto Silvânia, até o momento, podem ser classificados em dois grupos:

a) ganhos metodológicos para a pesquisa - definição de um modelo de tipificação dos pequenos e médios produtores; criação de um dispositivo de intervenção de P/D (fundamentado em uma rede de fazendas-de-referência, baseado em nove tipos de produtores e no zoneamento agroecológico); caracterização funcional dos sistemas de produção; validação técnico-econômica e social das tecnologias, e registro da evolução dos sistemas de produção; elaboração de instrumental de apoio no processo de transferência de tecnologias;

b) ganhos para o meio rural - criação de associações de pequenos agricultores, captação de recursos em maior volume, criação de unidades para a transformação doméstica de produtos agropecuários, aquisição de bens de capital e insumos (que viabilizaram o uso das tecnologias), aumento do poder de negociação, implantação de lavouras comunitárias, e melhoria na expressão da demanda. (Declarações do Pesquisador José Luiz Fernandes Zoby, líder do Projeto Silvânia da Embrapa-CPAC, publicadas em documento distribuído durante o I Seminário do Programa Nacional de Pesquisa sobre Agricultura Familiar da Embrapa, realizado em Petrolina-PE, de 28 a 30 de novembro de 1995)

Desde o estabelecimento da rede de fazendas-de-referência até fins de 1994, foram sugeridas 113 propostas técnicas, referentes a 40 tecnologias. Dentre elas, 88 foram aceitas e propagadas. No entanto, a utilização dessas informações pelas associações em nível coletivo, não tem alcançado o resultado esperado, pois as reuniões previstas para discutir as propostas técnicas geradas pelas fazendas-de-referência, e que deveriam contar com a presença efetiva dos agricultores, dos extensionistas e dos pesquisadores, não tem sido realizadas com a frequência e a participação planejadas.

Conforme Bonnal et al., 1994, *“a não participação nessas reuniões pode tornar grande o risco de elitização dos resultados das fazendas-de-referência e, em consequência, limitar o uso de seus resultados.”* Segundo esses autores, provavelmente a

redução de participação da EMATER-GO nas atividades promovidas pelo Projeto pode ser atribuída a dois fatores: os efeitos da crise que atravessa a assistência técnica no País, e a demanda do Projeto por uma capacitação especializada diferente da que é dominada atualmente pelos técnicos da Empresa de Extensão Rural.

5 ELEMENTOS PARA AVALIAR OS EFEITOS SOCIAIS DO MOVIMENTO¹¹

5.1 O que mudou?

Os efeitos sociais do movimento, após a criação das associações, podem ser analisados tanto quanto ao sistema social anterior, como em relação à situação social criada pela nova forma de organização. Os depoimentos a seguir permitem avaliar as mudanças ocorridas, após a criação das associações:

“Com a associação, melhoramos em todos os aspectos, melhorou o relacionamento social com os colegas, ficamos mais unidos, nos aproximamos mais. Quando não havia a associação, era cada um para um lado diferente. Ganhamos experiência de vida.”

“A nossa associação é a mais unida de Silvânia, todos daqui são gente muito especial. Ela estimulou amizades, o companheirismo entre os sócios e facilitou novas idéias. Nossa comunicação com os vizinhos melhorou.”

“A associação uniu o pessoal, agora temos amizade com muita gente, nos entrosamos com os da comunidade e com os da Central, antes nem íamos nas casas uns dos outros.”

“O padrão de vida dos associados melhorou, conseguimos energia elétrica, tivemos um pouco de aumento na renda da família.”

“Aprendemos o valor da união, a associação tornou o grupo mais social. Agora, falamos em público com mais facilidade. Foi facilitado o trabalho para as mulheres. Conseguimos transporte para os filhos irem para a escola.”

¹¹ Os depoimentos incluídos neste capítulo foram extraídos da enquete aplicada a 170 agricultores, em fevereiro de 1996, para o estudo: Um processo de análise para a construção da demanda de apoio a pequenos produtores, que está sendo desenvolvido pelo Projeto Silvânia.

Esses depoimentos sintetizam a realidade - a organização em associações, fundamentada em regras democráticas, substituiu as tradicionalmente utilizadas pelas comunidades (que funcionavam pelo consenso assumido no interior de cada família), contribuiu para aproximar os agricultores, para unir seus interesses, e para melhorar as condições de produção e de vida do grupo.

A nova forma de organização funcionou também como um “elemento mágico” que tornou possível e fácil a aproximação entre os moradores da comunidade, entre eles e os das outras comunidades, entre eles e os da cidade, e com as informações emitidas pelo mundo, via televisão. (Figura 15). Através da associação, seu poder de reivindicação foi fortalecido e aproveitado para melhorar suas condições de vida e de bem-estar. Através dele, alcançaram a eletrificação rural, o transporte e o financiamento bancário. A eletrificação rural proporcionou o acesso aos eletrodomésticos e à modernização das residências. Com o transporte, cedido pela Prefeitura ou adquirido pela própria associação, ofereceram aos filhos melhores condições para estudo e locomoção para os familiares, seja para comprar ou vender produtos, ou para facilitar o atendimento médico ou odontológico).

A criação da Central contribuiu para aumentar o poder de reivindicação, alcançando facilidades que permitiram melhorar as condições de produção e de comercialização (apesar de possuir atualmente menos terras e menor quantidade de mão-de-obra familiar). Através das informações recebidas pela televisão e pelos contatos externos, começaram a comparar situações, o que facilitou a construção de aspirações e objetivos, e estimulou o desejo de progredir.

O acesso das mulheres aos pequenos projetos de produção proporcionados pelas associações abriu oportunidade para que saíssem de casa e atuassem, pela primeira vez, em uma organização profissional. Através deles, puderam demonstrar eficiência e capacidade de trabalho, aumentar a autoconfiança, modificando sua representação perante a comunidade.



FIG. 15 Antena parabólica instalada na residência de um dos agricultores.

Após a criação das associações, a prática de algumas das formas tradicionais de solidariedade tornaram-se menos freqüentes, ficando restritas a grupos menores e sendo substituídas por outras ações coletivas de trabalho, ou pela mecanização. Segundo os agricultores, os mutirões tornaram-se dispendiosos, ficando mais barato contratar empregados para cumprir determinada tarefa, que pedir ajuda para os vizinhos:

“No tempo do meu pai, as coisas eram mais fáceis, a gente conseguia reunir 50 ou 60 companheiros para trabalhar, agora não dá mais para fazer isso, de onde vamos tirar dinheiro para pagar a alimentação de toda essa gente se a terra produz tão pouco? Ao que outro agricultor complementou:

“Com o trator, diminuiu a necessidade de tanta mão-de-obra e, ainda que se quisesse reunir bastante gente, não se conseguiria, porque com a associação reduzimos o número de companheiros, não contamos mais com todos da comunidade, como antigamente, contamos apenas com os que são associados.

Mas, com a organização em associações, os agricultores criaram um novo campo social e um sistema específico de relações (seja de aliança ou de conflito, seja de concorrência ou de cooperação) com posições diferenciadas, socialmente definidas e independentes.

A nova forma de organização serviu, também, para desencadear comportamentos não previstos pelo grupo que havia iniciado unido pela visão estimulante de acesso ao crédito, aos bens de produção e à possibilidade de trabalho e de progresso coletivo. Constituíram grupos com opiniões diferentes, que disputam entre si. Na maior parte das associações, formou-se um pequeno grupo detentor de poder, que se desenvolve e comunica mais do que os outros. Os demais, afastados das decisões, usam muito pouco o direito de demanda e de reivindicação, apresentam um desenvolvimento muito discreto e se declaram desinteressados pelos assuntos da associação e desanimados com o movimento:

“Pensamos que, com a associação, teríamos mais união, mas isso não está acontecendo, o conflito entre os sócios persiste e está atrapalhando.”

“As mulheres não ganharam nada com a associação, os assuntos delas nunca são importantes, são discriminadas pelo grupo, mas ficaram ainda mais unidas.”

“Os sócios não estão comparecendo às reuniões, pagam com atraso as mensalidades e as dívidas. Alguns saíram porque não estiveram de acordo com a diretoria.”

“Todos têm o direito de dar opinião, mas alguns ficam calados, concordam porque são a minoria. Tem muito sócio pobre, e até agora a associação não fez o que era mais importante que é estudar caso por caso.”

“Os sócios mais pobres se esforçam, mas têm muita dificuldade. Estamos todos juntos, mas não estamos nos expandindo, porque uns querem ir para um lado e outros para outro.”

“Falta união, foi bom no começo, agora falta interesse e compreensão do grupo. Temos que trabalhar juntos, mas cada um tem uma idéia diferente.”

“Metade dos sócios não vem às reuniões porque acha que é perda de tempo, outros, porque moram longe, alguns porque nem compreendem o está sendo discutido, e outros, porque não querem aceitar o que vai ser discutido. As reuniões são demoradas e dão poucos resultados.”

A dimensão do problema de coesão interna do grupo pode ser avaliada através dos resultados de um dos estudos recentemente efetuados pelo Projeto Silvânia, segundo o qual, dentre os 170 agricultores que constituem sete das associações, apenas 77 declararam estar integrados na rede interna de comunicações técnicas das respectivas associações (Tabela 1).

TABELA 1. Comunicação interpessoal técnica interna de algumas das associações de pequenos produtores de Silvânia.

| Nome da associação | Nº de sócios | Interação afetiva | | | Interação técnica | | |
|--------------------|--------------|-------------------|-----------|-------------|-------------------|-----------|-------------|
| | | na rede | isolados | periféricos | na rede | isolados | periféricos |
| Entorno | 27 | 24 | 3 | - | 15 | 7 | 5 |
| João de Deus | 41 | 33 | 5 | 3 | 23 | 14 | 4 |
| Kilombo | 31 | 22 | 9 | - | 18 | 12 | 1 |
| Lages | 18 | 7 | 11 | - | 4 | 13 | 1 |
| Santa Rita | 24 | 13 | 9 | 2 | 8 | 13 | 3 |
| Barrinha | 17 | 6 | 11 | - | 5 | 9 | 3 |
| Mocambo | 12 | 9 | 1 | 2 | 4 | 5 | 3 |
| Total | 170 | 114 | 49 | 7 | 77 | 73 | 20 |

5.2 Facilidades alcançadas após a criação das associações

As facilidades alcançadas após a criação das associações, segundo o depoimento de alguns dos agricultores de Silvânia, foram:

“Ganhando mais experiência técnica e melhorando a que já tínhamos, ficou mais fácil resolver os problemas do dia-a-dia da fazenda. Nos foi facilitado o acesso à assistência técnica. A nossa produção melhorou, tiramos a enxada das costas e conseguimos as lavouras comunitárias.”

“Conseguimos a eletrificação. Melhoramos economicamente, mas nada nos foi dado, prosperamos porque tivemos acesso aos financiamentos. Através deles, tivemos facilidade para adquirir gado melhorado, moto-serra, trituradores, benefícios para as terras, inseminação artificial e tratores.”

“Agora, podemos plantar em maior quantidade, porque temos orientação técnica e sabemos onde procurá-la. Melhoramos as pastagens, a lavoura comunitária e a propriedade. A orientação técnica fez aumentar a produtividade do leite. Com menos gado, mas melhorando a alimentação, passei de 20 para 40 litros, e depois para 120 litros de leite.”

“Juntando as famílias, conseguimos benefícios materiais para todos, fizemos negócio com o Banco, adquirimos o trator e os implementos que baratearam os custos de mecanização da lavoura.”

“Nossas terras melhoraram, aprendemos a fazer a correção e a conservação do solo, temos o calcário, plantas de mandioca, e quase todos os sócios têm arroz e milho (antes, não tínhamos arroz).”

“As nossas terras não estavam sendo aradas, agora estão. As informações começaram a chegar com um pouco mais de facilidade.”

É indiscutível o papel mobilizador desempenhado pelo Fundo Constitucional de Financiamento do Centro Oeste - FCO para as associações de Silvânia mas, para a maioria, esse foi apenas um começo, a partir do qual novas formas de trabalho foram sendo descobertas e praticadas. (Figura 16). Pode-se dizer que o movimento associativo desses pequenos produtores desencadeou o surgimento de pequenas empresas econômicas coletivas que têm investido no setor produtivo, produzindo bens e serviços, inseridas na lógica da modernização e da acumulação coletiva, que também permite a acumulação individual. Os resultados alcançados por elas variam conforme as diferentes associações e seus setores de atividade porém, são dependentes das decisões técnicas que efetuam em conjunto, e das informações externas. O agrupamento em torno da Central desencadeou uma percepção diferente dos agricultores sobre os demais atores empenhados no desenvolvimento local e reforçou sua vontade de ser reconhecidos como parceiros do movimento municipal.



FIG. 16. Braço móvel redutor de espaço, criado por um agricultor para içar latões de leite desde o curral até a carroçaria do caminhão.

A iniciativa dos produtores rurais do Estado de Goiás pode ser considerada como um movimento de pequenos agricultores diferente dos anteriormente realizados, pois os associados não parecem reconhecer-se nas organizações sindicais, nem nos sistemas cooperativos que, segundo eles, são controlados pelos grandes produtores, e nos quais sentem-se mais como “usuários” do que como membros ativos. Provavelmente, o sucesso do movimento pode estar ligado à sua origem e à forma independente de organização que adotou pois, como disse com orgulho um dos agricultores: *“melhoramos economicamente, mas nada nos foi dado.”* (Figura 17). Ou seja, receberam apoio de líderes políticos e de técnicos das empresas de pesquisa e de extensão rural, parceiros de seu desenvolvimento, e assumiram compromissos bancários, mas nunca estiveram vinculados a formas externas de gerenciamento ou de subordinação. São unânimes em atribuir seu desenvolvimento a combinação financiamento + informações técnicas. Agora, sentem-se mais à

vontade para demandar, no interior da organização que ajudaram a criar. Dizem que “... antes, os técnicos da EMATER queriam que fizessemos umas coisas, e a gente não fazia porque não entendia, porque tinha vergonha de perguntar, e medo de incomodá-los, hoje vamos na Central e perguntamos.”

1



FIG. 17. Residência de um dos agricultores associados.

As associações incentivaram e promoveram o processo de valorização dos recursos, intensificaram e aumentaram a capacidade de exploração da terra, têm servido de fórum de debates para as áreas econômica e social, e beneficiado os associados, através do patrimônio comum que criaram. O movimento, além de facilitar a circulação e a demanda por informações, proporcionou a comparação de experiências, o que tornou os agricultores mais receptivos a inovações: “às vezes os técnicos nos tiram da nossa rota, porque pensamos em fazer outras coisas, mas depois vemos que eles tinham razão, e trocamos de idéia.

Apesar de representados por suas associações e pela Central, os agricultores estão descobrindo ainda outras possibilidades individuais de expressão: “agora, sabemos que não são só os pesquisadores de gravata que podem entrar no Ministério, quando fomos lá, eles nos trataram

muito bem, disseram que podemos voltar quando tivermos necessidade, até se oferecerem para vir aqui, precisamos ir na Central contar isso, para dividir com os outros!”

5.3 Dificuldades e barreiras encontradas pelos agricultores

Segundo os depoimentos dos agricultores, suas maiores dificuldades, são:

“O desenvolvimento da associação encontra-se paralizado, ela cresceu, mas os sócios continuam pobres. Os que possuem menos terras levam desvantagem, em relação aos outros. Não há uma participação geral, nem nos benefícios, nem nas negociações. Todos foram beneficiados com os bens coletivos, mas não com os individuais. Nos falta estrutura para suportar os problemas financeiros.”

“A diretoria da associação centraliza as decisões, a opinião dos sócios quase não vale nada. Devemos elaborar leis e regulamentos, a associação está parada por causa das leis antigas. Nosso maior problema foi causado porque o estatuto não foi cumprido.”

“A assistência técnica anda fraca. O trator está dando prejuízo. Nossos problemas aumentaram com os financiamentos. Ainda não sobrou dinheiro. Falta pagar o calcário. O pagamento da dívida do trator está atrasado. Todos melhoraram, mas ficaram endividados!”

“Existe insatisfação dos sócios pelas multas cobradas pelo atraso no pagamento do uso do trator. Quem tiver cinco mensalidades atrasadas, não pode usar o trator, nem a máquina de beneficiar arroz.”

“Falta capacidade para a diretoria administrar a associação, e para os sócios participarem do movimento, para administrar os bens que adquiriram e para os serviços que criaram.”

“Porque exercem atividades diferentes, alguns sócios estão progredindo mais, e isso deixa os outros insatisfeitos. Temos dificuldade para vender nossos produtos e para compreender o mercado. Temos medo de produzir, mas depois não conseguir vender.”

Os problemas que surgiram após a criação das associações, conforme os depoimentos (em geral, manifestados pelos sócios menos beneficiados), podem ser enquadrados em três áreas inter-relacionadas e complementares, a da coesão social, a do desenvolvimento individual ou coletivo, e a do planejamento, organização e administração das associações.

O estímulo inicial, que os levou a se organizar em associações para alcançar um financiamento, que permitiria equipar-se para produzirem mais e melhor, foi o responsável pela afirmativa: *"foi bom no começo, mas agora falta união."* Isto é, no momento em que começaram a participar de um processo decisório coletivo, o fizeram motivados por um objetivo maior que os unia mas, com o passar dos anos, o sentimento individual começou a pesar sobre o coletivo, refletindo-se fortemente na partilha dos bens e no confronto das idéias, ações para as quais não haviam sido preparados e não estavam acostumados.

O problema repercutiu nas ações coletivas praticadas pelo grupo. Enquanto algumas associações têm demonstrado eficiência no cumprimento das diferentes formas coletivas de trabalho, outras, apesar de haver iniciado em condições semelhantes, demonstraram menos eficiência. Algumas, desestimuladas, abandonaram as atividades. Essa situação pode ser apresentada através dos resultados de uma enquete realizada pelo Projeto Silvânia durante os últimos meses de 1996:

- 1) Dentre as 25 associações existentes em Silvânia, no final de 1996, 18 trabalharam ou trabalham com lavouras comunitárias porém, em apenas cinco delas os sócios continuam participando de boa vontade e utilizando o seu resultado para pagar as dívidas assumidas com os financiamentos bancários (apesar de ainda não haver sido estudada a lógica que levou a esses resultados, observou-se que, por coincidência ou não, essas foram as únicas associações que não demandaram financiamento para essa atividade coletiva);

- 2) Em quatorze associações foi solicitado financiamento para a aquisição de matrizes de gado leiteiro. Graças a essas e a outras aquisições, alguns agricultores triplicaram a produção de leite. Mas, como muitos dispõem de pouca terra, ou não puderam formar pasto, um grande número de associados não está participando da venda coletiva de leite;
- 3) Metade das associações de Silvânia possui bujão de inseminação artificial, mas poucas o estão utilizando de forma coletiva. Motivos apresentados: transportar o bujão causa desentendimentos; o gado é pouco e não vale a pena inseminá-lo; possuem pouca experiência e precisariam ver exemplos;
- 4) Apesar de haver consenso sobre as vantagens de efetuar vendas em conjunto, a prática ainda é pouco explorada pelas associações. Os exemplos mais significativos referem-se à comercialização coletiva de leite, efetuada por três das associações, duas delas instalaram tanques de resfriamento de leite, após a importação de gado uruguaio com melhores padrões genéticos;
- 5) Dezoito associações adquiriram tratores, financiados, ou com recursos próprios. Em nove dessas associações, o trator tem muita procura, quase nunca estraga, é muito raro que fique parado, e foi instituído um "caixa" que permite mantê-lo e pagar seu financiamento, porém nas outras, o trator anda demais, quebra muito, não paga nem as próprias despesas, e costuma ficar parado durante muito tempo;
- 6) Apenas uma das associações continua efetuando compras em conjunto, apesar de diversas haver experimentado e aprovado a prática, alegam que interromperam a atividade porque a administração das compras sobrecarrega muito os responsáveis, e porque é muito difícil receber o pagamento dos sócios que compraram;

- 7) Sete associações prestam serviços de transporte: vendem serviços para sócios e não-sócios, e três compraram uma moto cada uma, para acompanhar a prestação de serviços do trator, transportar o tratorista e os membros da diretoria, e para fazer pequenas compras;
- 8) Sete associações adquiriram terras destinadas, em geral, à construção da sede e à implantação de lavouras comunitárias.

A associação foi uma proposta nova para todos, e começou a exigir respostas que o grupo ainda não estava preparado para dar. Preocupados em obter soluções, os agricultores associados têm encaminhado pedidos de apoio à Central e aos órgãos externos. Algumas têm lançado mão de estratégias próprias para resolver seus problemas, como por exemplo:

- a) “transformar o leite em moeda” - a associação deposita em conta bancária individual a importância referente ao leite vendido coletivamente, e desconta dessa importância os valores referentes ao pagamento das parcelas do financiamento bancário, é uma estratégia para cobrar os serviços prestados pela associação e para evitar a inadimplência;
- b) cobrar preços diferenciados para a prestação de serviços do trator - a associação estabeleceu quatro grupos diferenciados para os que usam o trator, os associados escolhem, entre as quatro opções, o grupo a que querem pertencer em relação ao número de horas que costumam necessitar, e pagam uma importância fixa, tanto para os serviços, como para a parcela da dívida coletiva. Isso satisfaz os sócios, pois reclamavam que os que menos utilizavam o trator, acabavam pagando pelos outros);
- c) criar duas ou mais lavouras comunitárias na associação - uma associação instituiu uma lavoura “grande”, na qual

todos trabalham em mutirão e destinam os resultados para pagar a dívida coletiva, e uma “pequena”, constituída por um grupo de sócios interessados em dividir os resultados entre si. Outra, criou três grupos-de-interesse, com lavouras coletivas específicas para cada um deles (estimulado, com isso, o interesse e a participação nessa atividade);

- d) criar lavouras comunitárias unindo diversas associações - por falta de terras, os agricultores formaram três grupos de associações, em locais diferentes do município, para explorar coletivamente a mão-de-obra, os insumos e os equipamentos.
- e) adquirir moto para acompanhar os serviços - três associações adquiriram e utilizam a moto para acompanhar a prestação de serviços do trator e da lavoura comunitária e para administrar o gado adquirido coletivamente;
- f) criar uma propriedade rural na associação - uma associação comprou terras e gado e pretende criar uma propriedade para multiplicar matrizes para os associados mais carentes.
- g) autofinanciar as lavouras comunitárias - algumas das associações que já estão na quarta lavoura comunitária, levantaram recursos entre os sócios para implantar a primeira lavoura e, a partir dessa, destinaram uma parte dos resultados de cada uma para adquirir os insumos necessários para a que se segue;
- h) fazer poupança entre os sócios - algumas associações instituíram diferentes formas para constituir poupança. Em uma, os sócios criam uma vaca e um bezerro, por ano, para a associação. Em outras, cada sócio faz uma poupança de um litro de leite por vaca, por dia.

No primeiro semestre de 1996, os técnicos da Central e do Projeto Silvânia, realizaram reuniões na Central e nas associações, na tentativa de prestar apoio e estimular à reflexão conjunta na busca de soluções. Em agosto, a Central começou a ministrar uma série de cursos sobre técnicas de planejamento, organização e administração de associações, em que tem sido dada ênfase especial ao associativismo, às técnicas de organização e de participação em reuniões, à união do grupo e ao gerenciamento das atividades coletivas. Esses cursos têm sido considerados, pelos instrutores e pelos participantes, como experiências privilegiadas para a reflexão sobre os problemas pois, à medida que os conteúdos são apresentados, a realidade é comentada e debatida. Segundo os agricultores, esses cursos deveriam ter sido ministrado antes de haver criado as associações, mas ... *“se tivéssemos esperado pelo curso, não teríamos criado a associação e, se tivéssemos assistido ao curso antes, provavelmente não teríamos aproveitado quase nada, porque ainda não conhecíamos os problemas que iriam acontecer!”*

As pesquisas realizadas pelo Projeto Silvânia colocaram em evidência uma situação preocupante: mais da metade dos agricultores faz pouco ou nenhum contato técnico com os companheiros de associação; a entrada de informações nas associações é muito discreta já que, em geral, os agricultores mantêm a média de apenas dois contatos externos cada um. Em todas as associações foram identificados indivíduos “isolados” e “periféricos¹²”, mas nas associações menos cosmopolitas (as que costumam fazer poucos contatos com as fontes externas de informação), o número desses indivíduos aumenta, em uma proporção de 50%, em relação aos indivíduos ativos.

¹² Indivíduos ativos são os que participam efetivamente do processo de comunicação; indivíduos isolados, os que não mantêm ligação com os demais membros da rede (não procuram, nem são procurados pelos outros) e, indivíduos periféricos, os que mantêm contato com apenas um dos elementos da rede de comunicação.

Os problemas de desenvolvimento desigual dos associados, apesar de alvo da preocupação geral, ainda não começaram a ser tratados. Em algumas associações, foi levantada a idéia de constituírem comissões para estudar caso a caso, a ser orientadas e conduzidas pela Central e pelos órgãos de apoio. Os agricultores que se sentem discriminados, lamentam constantemente sua situação, mas não reagem. Os outros demonstram preocupação, mas confessam que ainda não tiveram tempo para analisar melhor o problema, e que não sabem como tratá-lo:

“É difícil aumentar o interesse de alguns dos sócios que estão ficando cada vez mais para traz!”

“Se alguns podem ver mais longe, eles poderiam ajudar a puxar os outros. Esses, mesmo que vierem se arrastando, acabarão vindo. Tem uns que ainda não entendem muito bem o que é a associação.”

A comercialização é um dos maiores problemas enfrentados pelo grupo. A propósito, o ex-Secretário da Agricultura do município de Silvânia, Euter Paniago Junior, fez o seguinte comentário:

“Como a associação de pequenos produtores é uma forma de organização menos agressiva do que a do sindicato rural, e é composta por indivíduos também mais fáceis de conduzir do que os médios e os grandes produtores, apoiá-la é uma maneira de justificar perante a sociedade, a existência de alguns dos serviços prestados pelo Governo. A facilidade de financiamento para a aquisição de máquinas e implementos que, apesar de haver modernizado a produção, não facilitou a entrada dos pequenos agricultores no mercado, é um resultado dessa política. Para que o Estado implementasse uma proposta mais ampla em relação a esse grupo social, seria necessário que os agricultores dirigissem suas reivindicações no sentido de fazer incluir no processo de apoio, a industrialização, a comercialização e a expansão da matéria prima por eles produzida.” Ainda, segundo sua opinião, *“o movimento associativo dos pequenos produtores rurais de Silvânia deverá ser municipalizado, o que pressupõe um planejamento em escala, englobando os diferentes setores da economia municipal em que deverão ser repartidas, entre produtores, comerciantes e agroindustriais, as responsabilidades de transformação, transporte e comercialização dos produtos.”*

5.4 O que os agricultores esperam do movimento

Os agricultores apresentaram os seguintes depoimentos sobre o que esperam de suas associações para o futuro:

“Melhorar a união e a comunicação entre os sócios, para conseguir mais benefícios. Estimular o grupo através de um objetivo comum (esse objetivo não deve ficar concentrado só no trator, na lavoura comunitária e no leite).”

“Conseguir que todos os sócios tenham um tratamento igual. Melhorar a administração da associação, para facilitar o trabalho e torná-lo mais transparente. Conseguir informações e assistência técnica. Melhorar a produtividade.”

“Construir um futuro melhor para os filhos, mais confraternização entre o grupo e atividades de lazer. Criar oportunidades para trabalhar em conjunto, idéias novas, receber mais apoio da Central, aumentar e melhorar as lavouras comunitárias.”

“Fortalecer a associação, para poder ajudar os mais fracos; criar programas para desenvolver individualmente os sócios; dar mais chances para as mulheres. Capitalizar a associação, para oferecer mais facilidades aos sócios. Manter o que já alcançamos, e melhorar.”

“Conseguir orientações para plantar, criar e vender coletivamente a produção, e para criar pequenas fábricas.”

Quando solicitados a dar opinião sobre o futuro do movimento associativo, os agricultores demonstraram um raciocínio bastante lógico ao relacionar sugestões que poderiam, no futuro, servir de solução para os problemas atuais, ou seja, apresentaram um conjunto de proposições para os problemas das áreas de coesão social; desenvolvimento individual e coletivo; e planejamento, organização e administração das associações. Mas, foram mais além, demonstraram predisposição para aprender e conhecer mais e informar-se melhor, característica indispensável para o progresso do movimento.

Se os agricultores reconhecerem que o que sabem pode não ser o suficiente para trabalhar coletivamente, e lutar juntos para

melhorar seus conhecimentos, provavelmente a coesão social do grupo melhorará, pois os saberes poderão tornar-se semelhantes. No entanto, é necessário que o reconhecimento dessa necessidade seja unânime pois, como disse um dos agricultores, *“é a precisão que faz o sapo pular, e a gente tem que se agarrar uns nos outros para pegar velocidade, porque as idéias existem, mas estão meio paradas, temos que nos esforçar para fazer elas se moverem!”*

Os pequenos agricultores de Silvânia costumam procurar pouca informação fora da comunidade, e procurá-la menos ainda no interior do grupo. Se fizessem investimentos neles mesmos (procurando pessoas e efetuando treinamentos especializados), além de aumentar seus conhecimentos, cresceriam perante a sociedade onde estão inseridos, e teriam mais facilidade para expressar demandas e formular projetos coletivos de trabalho. A despreocupação em buscar informações técnicas desde a criação das associações, esperam que “os de fora” venham explicar como, e o quê fazer, pode ter sido um dos motivos que levou alguns a se desmotivar, pode ter contribuído para aumentar o desinteresse de outros, para dificultar a expressão das demandas, e para a construção de objetivos mais motivadores.

Apesar de possuir uma estrutura que os favorece, ainda apresentam um nível de reivindicação e de demanda pouco desenvolvido. Na coleta de informações para o estudo sobre a construção da demanda, os agricultores de três das associações manifestaram-se impotentes para explicitar suas necessidades, afirmando que precisam de muitas coisas, mas que sem informações de fora, não conseguem decidir o que querem.

Na opinião dos próprios agricultores, o que está faltando para o grupo é saber com clareza o que é o associativismo, porque: *“até agora, muitos não se deram conta de que eles é que são a associação, e que o patrimônio coletivo, adquirido em conjunto, é deles!”*

Construir um futuro melhor para os filhos, foi uma das manifestações incluídas por eles nos planos para o futuro do

movimento associativo. Porém, esse desejo possui um significado complexo, pois não quer dizer, necessariamente, que pretendam absorver a mão-de-obra dos filhos nas associações. Em um estudo realizado recentemente, concluiu-se que os agricultores de Silvânia estão vivendo uma situação paradoxal porque, ao mesmo tempo que desejam manter os filhos junto a si, desejam vê-los “com estudo”. Investem nesse projeto os recursos de que podem dispor, e acabam perdendo os filhos para a cidade.

A inadequação da infra-estrutura educacional local, talvez seja uma das razões para esse resultado. Os cursos superiores à disposição nas cidades mais próximas, aos quais alguns dos jovens já tiveram acesso, e outros estão se preparando para iniciar, tais como: pedagogia, ciências sociais, filosofia, direito, administração, contabilidade e história, sugerem escassas possibilidades de colocação no meio rural.

Ao facilitar estudos mais aprofundados para os filhos, os pais podem estar projetando na próxima geração o desejo íntimo de experimentar novas formas de viver e, inconscientemente, estar contribuindo para afastá-los do campo, e para descontinuar o movimento associativo que criaram pois, muito provavelmente, não poderão contar com eles para substituí-los.

Sugere-se três hipóteses sobre o futuro do movimento associativo promovido pelos pequenos produtores rurais de Silvânia:

- a) A primeira (otimista), “as associações permitirão melhorar as técnicas e a administração das fazendas, e intensificar a produção dos que dispõem de mais recursos mas, ao mesmo tempo, acelerarão o processo de acumulação dos sócios que possuem menos recursos”;
- b) A segunda (pessimista), “as associações, controladas pelos sócios melhor equipados em fatores de produção, ajudarão a acelerar o processo de intensificação desses sócios, e melhorarão apenas essa categoria, não beneficiando as demais”;

- c) A terceira (muito pessimista), “a categoria de sócios melhor equipados em fatores de produção pela associação entrará em um processo de acumulação, que excluirá do movimento as demais categorias”.

A evolução da organização coletiva desses agricultores permite prever que o movimento poderá entrar em declínio, caso sua estrutura não for revisada, reforçada e apoiada. Grande parte dos problemas está ligada à falta de perspectivas. Por essa razão, acredita-se que o sucesso durável do movimento dependerá de dois fatores: a) da capacidade dos agricultores para fazer emergir projetos coletivos de trabalho, nos quais todos se reconheçam e desejem participar e que não excluam as categorias dos sócios mais vulneráveis, e b) do estabelecimento de relações de parceria mais sólidas com outros atores econômicos, sociais, políticos e institucionais.

Um dos resultados mais importantes do apoio prestado pelos órgãos de pesquisa e de extensão rural em Silvânia, foi o de haver contribuído para o processo de conscientização coletiva sobre a necessidade das comunidades se organizarem para buscar soluções e atrair para si a responsabilidade dessa busca.

No momento, os grandes desafios que se colocam aos órgãos externos de apoio são: ajustar as estratégias de ação, para tornar os agricultores ainda mais independentes do apoio técnico, e multiplicar a idéia para fazer nascer a disposição de reproduzir em outras localidades, as práticas bem sucedidas em Silvânia, e continuar contribuindo para aumentar a produtividade das culturas e dos rebanhos, sem comprometer a sustentabilidade da região.

Na opinião de Euter Paniago Junior, “o atual momento político do movimento, requer do Projeto Silvânia ações mais centradas na área informativa e técnica, que apoiem principalmente três aspectos: fortalecimento da Central, para que atenda à demanda das associações; atuação segundo a demanda permanente das associações, e apoio para a construção de novos objetivos para o movimento.”

Esses desafios podem ser representados por um conjunto de perguntas, que deverão ser respondidas pelos órgãos de apoio: Como as informações produzidas pelo Projeto Silvânia poderão ser melhor aproveitadas pelos agricultores? Como poderão eles contribuir para o processo de captação e divulgação dessas informações? Qual será a utilidade dessas informações para os componentes de cada associação? e, Qual será a utilidade dessas informações para a sociedade em geral?

A sistematização das informações contidas neste documento permite concluir que é vantajosa, para a agricultura familiar, a prática de ações organizadas como as que costumam ser adotadas pelas associações, já que todas as formas coletivas experimentadas em Silvânia alcançaram alguns exemplos de eficiência. No entanto, os exemplos foram importantes também para mostrar que, ainda que as associações tenham à sua disposição apoio e recursos semelhantes, atingem resultados mais satisfatórios os grupos que melhor se desempenharem na administração de bens, recursos e força de trabalho.

As associações que administraram suas ações de forma mais eficiente, assimilaram os saberes indispensáveis para o relacionamento social no novo campo de trabalho. Nesse imenso e incessante empreendimento de aprendizagem, a prática coletiva de manutenção da ordem e da reprodução das novas estruturas funcionou para as associações, como um princípio gerador de práticas espontâneas, ou seja: os agricultores depois de absorver os conhecimentos que lhes foram transmitidos e de incluí-los em seu dia-a-dia, começaram a criar soluções e alternativas mais adequadas às suas necessidades. Essas soluções e alternativas, se multiplicadas no município, poderão funcionar como um dos fatores de homogeneização, indispensável para o desenvolvimento conjunto do grupo de associações, e para dar continuidade e eficiência ao movimento associativo desenvolvido pelos pequenos agricultores de Silvânia.

6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BONNAL, P.; XAVIER, J.H.V.; SANTOS, N.A.; SOUZA, G.L.C.; ZOBY, J.L.; GASTAL, M.L.; PEREIRA, E.A.; PINIAGO JÚNIOR, E.; SOUZA, J.B. **O papel da rede de fazendas-de-referência no enfoque de pesquisa-desenvolvimento: Projeto Silvânia**. Planaltina: Embrapa-CPAC, 1994. 100p. (Embrapa-CPAC. Documentos, 56).
- BORGES, H.C. **História de Silvânia**. Goiânia: Cerne, 1981. 233p.
- EMPRESA BRASILEIRA DE ASSISTÊNCIA TÉCNICA E EXTENSÃO RURAL. Juventude rural. **Revista Brasileira de Extensão Rural**, n. 2, v.1, p.2. 1981.
- MACHADO, A. **Vida e morte do bandeirante**. São Paulo: Martins Ed., 1965. 251p.
- TENÓRIO, F.G., coord. **Administração de projetos comunitários: uma abordagem prática**. São Paulo: FGV/Ed. Loyola, 1995. 79p.

7 BIBLIOGRAFIA GERADA PELO ESTUDO

- MERCOIRET, M.-R. **Les associations des petits producteurs du "Município de Silvania"**. Montpellier: CIRAD-SAR, 1995. 67p.
- MERCOIRET, M.-R. **Relations entre recherche et organisations paysannes: compte rendu de la mission effectuée au Brésil du 5 au 24 juillet 1996**. Montpellier: CIRAD-SAR, 1997. 35p. (CIRAD-SAR, 45/97).
- MERCOIRET, M.-R. **Rapport de mission au Brésil**. Montpellier: CIRAD-SAR, 1993. 59p.
- MERCOIRET, M.-R. **Relatório da missão de apoio à equipe do Projeto Silvânia: o estudo das comunidades e dos associados, objetivos e ferramentas para levantamento e tratamento**. Montpellier: CIRAD-SAR, 1992. n.p.

- MERCOIRET, M.-R. **Relatório de missão da Dra. Marie-Rose Mercoiret: 26/03/91 - 06/04/91.** Montpellier: CIRAD-DSA, 1991. n.p.
- MERCOIRET, M.-R.; CLOUET, Y. **Elements pour l'organisation des producteurs et la gestion des ressources naturelles dans le cadre d'une intervention dans les Cerrados au Brésil: le Municipio de Sylvania dans l'Etat de Goiás.** Montpellier, CIRAD-DSA, 1991. 32p.
- SPERRY, S. A comunicação interpessoal entre produtores rurais organizados do município de Silvânia-GO. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 19., 1996, Londrina. **INTERCOM 96.** Londrina: Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 1996. p.70.
- SPERRY, S. Dynamique social des organisations de petits producteurs ruraux. In: SYMPOSIUM INTERNATIONAL RECHERCHES EN AGRICULTURE ET DÉVELOPPEMENT RURAL, 1994, Montpellier. **Communications.** Montpellier: CIRAD-SAR, 1994. p.679-80.
- SPERRY, S. **Os filhos, um futuro além do agricultor:** facilidade dos jovens para comunicar inovações ao grupo. Planaltina: Embrapa-CPAC, 1996. 18p. (Embrapa-CPAC. Documentos 64).
- SPERRY, S. **A integração da mulher nas associações de pequenos agricultores de Silvânia-GO.** Planaltina: Embrapa-CPAC, 1996. 22p. (Embrapa-CPAC. Documentos, 65).
- SPERRY, S.; FERRARIS, F. **Associações de Pequenos Produtores de Variado, Limeira e Kilombo:** dinâmica social do grupo. Planaltina, Embrapa-CPAC, 1993/1994. 3v., não publicados.
- SPERRY, S.; FERRARIS, F. **Interferência e apoio a pequenos produtores rurais:** Associações de Variado, Limeira e Kilombo (Silvânia-GO). Planaltina: Embrapa-CPAC, 1994. 24p.
- SPERRY, S.; FERRARIS, F. Unidades de produção familiar rural & o Projeto Silvânia. In: CONGRESSO AFRO-LUSO-BRASILEIRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS, 3., 1994, Lisboa. **Dinâmicas multiculturais, novas faces, outros olhares.** Lisboa: Universidade de Lisboa/Fundação Gulbenkian, 1994. p.48-9.

SPERRY, S.: ZOPY, J.L.F.; PANIAGO JUNIOR, E. Associações de pequenos agricultores de Silvânia. In: LES ORGANISATIONS PAYSANNES FACE AU DÉSENGAGEMENT DE L'ÉTAT, Montpellier, 1995. **Compte rendu de l'Atelier International ...** Montpellier, CIRAD-SAR, 1995. p.27-31, p.77-8.